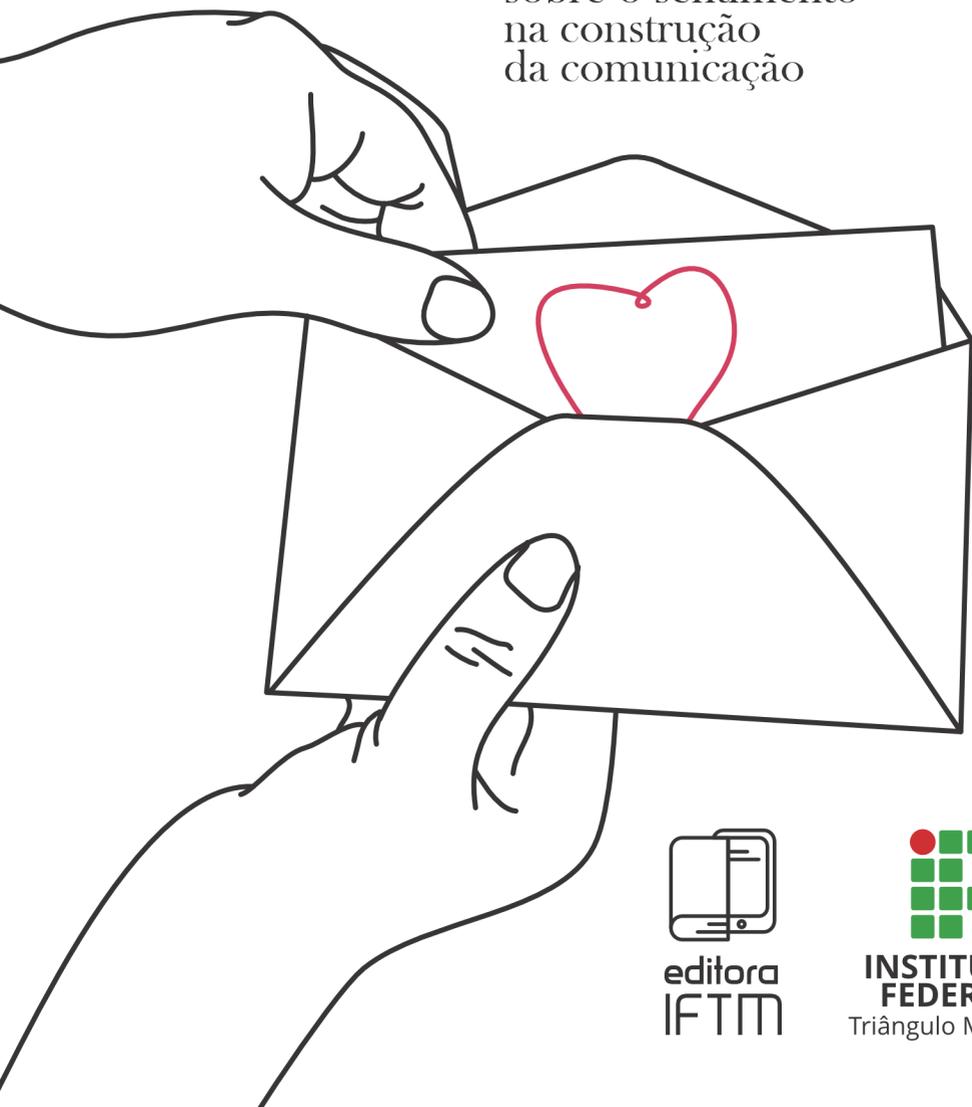


Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Ensaio sobre o *amor*

Investigação
sobre o sentimento
na construção
da comunicação



editora
IFTM



**INSTITUTO
FEDERAL**
Triângulo Mineiro

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

A decorative black line graphic consisting of two curved strokes. One stroke starts from the left, curves upwards and then downwards, ending in a loop. The other stroke starts from the right, curves upwards and then downwards, ending in a loop. The two strokes are positioned around the title text.

Ensaio
sobre o
amor

Investigação
sobre o sentimento
na construção
da comunicação

Reitor
Marcelo Ponciano da Silva

**Diretoria de Comunicação
Social e Eventos**
Ana Clara Santos Costa

Coordenação da Editora IFTM
Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz

Coordenação de Comunicação Social
Danilo Silva de Almeida

Conselho editorial da Editora IFTM

Ana Clara Santos Costa
André Luiz França Batista
Antenor Roberto Pedroso da Silva
Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz
Carlos Magno Medeiros Queiroz
Carlos Paula Lemos
Carolina Pimenta Mota
Claudio Marcio de Castro
Daniela Beatriz Lima Silva Viana
Danielle Freire Paoloni
Danilo Silva Almeida
Ernani Viriato de Melo
Fernanda Faustino Nogueira Nunes
Flávio Caldeira Silva
Geraldo Gonçalves de Lima

Guilherme de Freitas Borges
Gyzely Suely Lima
Helio Aparecido Lima Silva
Isaura Maria Ferreira
Jaqueline Maissiat
Joyce Pereira Takatsuka Sodero
Larissa Vieira de Melo
Livia Letícia Zanier Gomes
Márcia Aparecida Bellotti Camborda
Mariana Duó Passerini
Mariângela Castejon
Marina Robles Angelini
Paulo Irineu Barreto Fernandes
Renato Paulino Borges
Rosiane Maria Silva

Obra aprovada de acordo com o Edital 02/2023 REITORIA/DCSE/EdIFTM

Projeto Gráfico
Danilo Silva de Almeida

Revisão Textual
Tamara Aparecida Lourenço
Mariângela Castejon

Diagramação
Marcos Roberto Capuci Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M543e Menezes, Luiz Maurício Bentim da Rocha
Ensaio sobre o amor: investigação sobre o sentimento na
construção da comunicação / Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.
-- Uberaba: Editora IFTM, 2024.

134 p.

Publicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro – IFTM.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-999569-7-3

1. Amor – Filosofia. 2. Relações humanas – Filosofia. I. Título.

CDD 128.46

Elaborada pela Bibliotecária Fernanda Imaculada Faria – CRB-6/2122

Dedicatória

Para Juno!

*Juno, deusa romana da proteção, esposa de Júpiter,
rainha das deusas.*

*Juno minha filha! Senhora do destino, que transformou
completamente a minha vida.*

*Se sou capaz de amar, é porque te amei mais do que
todas as coisas que encontrei no mundo.*

*Minha absurda existência não teria sido completa sem
ter te conhecido.*

Saudade eterna!

*Pensamos em demasia e sentimos pouco.
Mais do que máquinas, precisamos de afeições e doçura.*
(Charles Chaplin)

*Como as grandes obras, os sentimentos profundos
significam sempre mais do que têm consciência de dizer.*
(Camus. **O mito de Sísifo**)

*Amar também é bom: porque o amor é difícil.
O amor de duas criaturas humanas talvez seja
a tarefa mais difícil que nos foi imposta, a maior
e a última prova, a obra para a qual todas as outras
são apenas uma preparação. Por isso, pessoas jovens
que ainda são estrepantes em tudo não sabem amar:
têm que aprendê-lo.*
(Rilke. **Cartas a um Jovem Poeta**)

*Procuremos inventar paixões novas,
ou reproduzir as velhas com idêntica intensidade.*
(Cortázar. **Jogo da Amarelinha**)

A decorative flourish consisting of a thin black line that starts on the left, loops around, and then curves upwards and to the right, framing the title.

Sumário

Introdução	7
1 O sensível e o inteligível	31
2 Um diálogo entre razão e sentimento	41
3 A relação amor e belo	47
4 A ilusão do amor	54
5 Comunicar e sentir	62
6 A loucura divina	82
7 A cegueira do amor	94
8 Bom, belo e justo: o amor platônico	102
Conclusão	126
Anexo	128
Referências	129
Minibiografia do autor	134

Introdução

Este livro não pretende ser um livro acadêmico. Em sua fase inicial, ele tinha esse intuito. No entanto, ao longo do seu desenvolvimento, ele acabou se transformando. Tudo muda, tudo está em um pleno fluxo de mutação, já diria Heráclito. Este livro teve a necessidade de acompanhar a mudança de meus pensamentos e, portanto, tem o intuito de ser lido e apreciado por aqueles que precisam de ajuda com os assuntos aqui tratados: sentimento, amor e comunicação. São o cerne de tudo que há de mais importante no ser que chamamos humano. Sendo assim, não deixa de ser um livro filosófico, que trata de filosofia da comunicação ou filosofia do sentimento, mais propriamente a inauguração de uma *filosofia do amor*.

A obra em si levou quase 20 anos para ser finalizada. Iniciada no final de 2006, só pôde ser terminada no início de 2024. E a minha experiência pessoal foi fundamental para que o livro pudesse nascer. Falar sobre o amor sempre é algo complicado, pois envolve um sentimento profundo que se encontra dentro de nós e que muitas vezes temos dificuldades de expressar. Tantas são as banalizações encontradas, tantas são as repressões que vivemos que conseguir transmitir um sentimento tão subjetivo para o exterior se torna uma tarefa extremamente delicada. Mas o que me levou a escolher o amor como temática? Impossível não dizer que foi uma *experiência vital* que me fez querer falar sobre o amor, experiência sem a qual não seria possível tratar

sobre o assunto. Parafraseando Merleau-Ponty, só encontramos no mundo aquilo que nós colocamos ali¹. Ou seja, a necessidade que **eu** tenho de comunicar se deve ao forte sentir que tomou conta do meu ser, não me permitindo mais guardar isto apenas dentro de mim, mas de apresentar aos outros a minha interpretação sobre o mundo, em uma tentativa de compartilhar aquilo que venho a sentir tão profundamente.

O mundo que vivemos é considerado um mundo totalmente integrado e comunicativo. A comunicação se tornou rainha e impera despoticamente por qualquer lugar que se vá. É impossível não se comunicar, diz o senso comum, a internet e os meios de comunicação de massa não permitem que seja de outra forma. Mas o questionamento é se há uma comunicação efetiva através desses meios de massa. Na *sociedade de informação*, há realmente comunicação entre as pessoas? Se a mera recepção de uma mensagem emitida por um veículo difusor de sinais é considerada comunicação, podemos dizer que sim, há comunicação. Mas, não seria essa definição algo por demais precário? Pois, até que ponto o indivíduo, este ser único que sou, consegue passar efetivamente o que sente? O que significa sentir para este mundo tão técnico no qual nos encontramos?

Vivemos em mundo técnico-tecnológico, regido por um conhecimento rígido e sistematizado. Não há espaço para algo confuso e incerto como o sentimento. Este é abafado por um mundo matematizado por fórmulas e conceitos, absorvido pela produção de mercadorias que devem ser o tempo todo comercializadas. Uma grande razão nos foi imposta para manter toda a ordem da vida, nos dizendo o tempo todo o que devemos sentir e

¹ A frase literal é “só encontramos nos textos aquilo que nós colocamos ali” (Merleau-Ponty, 1994, p. 2).

principalmente como devemos sentir. Como no *Blade Runner* de Philip K. Dick², basta apertar um botão para sentir algo diferente do que antes se sentia ou tomar uma pílula para não mais se sentir nada. Não há espaço para expressar o seu sentimento interior de maneira original, aquele que somente você unicamente sente. Ao contrário, os sentimentos foram impostos à coletividade, exigindo que todos passassem a sentir da mesma maneira em um gregarismo precário.

A linguagem é posta como aquela capaz de significar todo o universo humano, fazendo com que se creia que através da estrutura dos signos tudo possa ser significado. Nisto também se inclui o sentimento, que através de uma definição dada pela linguagem, tem toda a sua essência extraída, tornando-se fixo e, portanto, de fácil compreensão. Toda a sua complexidade se perde e, junto, a nossa própria individualidade. Pois um sentimento pertence a cada um individualmente, enquanto definições são gerais.

Essa racionalidade técnica não passa de uma ilusão que nos é imposta a acreditar. Há experiências únicas pela qual passamos que são impossíveis de colocarmos somente através de palavras. Outras formas nos são necessárias para expressar essas experiências, já que somente utilizando a palavra, a expressão se torna pobre e vazia. Quem nunca teve a experiência de falar algo e não ser entendido naquilo que tentava explicar? Conversas por aplicativo de mensagens como WhatsApp e Telegram vivem demonstrando a dificuldade de comunicação entre pessoas para expressar sentimentos mais complexos.

² Reconhecido escritor de ficção científica. A obra em questão se chama na verdade "Andróides sonham com ovelhas elétricas?", mas ficou mundialmente conhecida pelo título dado ao filme dirigido por Ridley Scott e baseado na obra de Dick.

O amor é uma destas experiências que não se pode somente definir com palavras. Ele é um sentimento que produz uma gama de outros sentires que nos leva sempre a uma tentativa de ir além das palavras, mesmo que isso não nos pareça possível. Como nos diz Rilke: “é precisamente nas coisas mais profundas e importantes que estamos indizivelmente sós” (2001, p. 31). O que não significa dizer que o que nos é indizível não seja por nós sentido. Acreditar que se pode definir o amor somente com palavras, é acreditar que a linguagem estruturada pode resolver todos os problemas do ser humano e nada existe para além dela. Se assim fosse, poderíamos facilmente definir o amor em poucas palavras e esse trabalho já não se faria mais necessário.

No entanto, não foi isso que pude constatar em uma pequena entrevista realizada com amigos meus, onde duas perguntas foram colocadas, a primeira sobre o Amor, e a segunda sobre a relação do Belo com o Amor. Abaixo segue algumas das respostas que pude encontrar. O anonimato das respostas foi mantido. Mantivemos o texto original inalterado e sem correções.

Primeira questão: **“Para você o que é o Amor?”**

- O amor realmente é muito cruel. É uma “coisa” que brinca com a gente, como talvez, os sinais de um semáforo - de tempo em tempo, contra nossa vontade, acende as cores que bem entender. Isso quando não fica desordenado deixando o trânsito uma confusão - e depois que ele começa a aflorar, quem é capaz de pará-lo tão de imediato?! Quando amamos, perdemos totalmente nossa proteção (aquela famosa proteção que aprendemos a construir desde criança). Voltamos a ser bobos, ingênuos, imaturos, pronto: entramos no fantástico mundo do

amor! Odiamos amar quando estamos desiludidos. Temos medo de amar por não sabermos as consequências exatas. Porque sabemos que amar é tão “maldito” quanto “sublime”. E se não fosse por amor não estaríamos aqui. Logo, tudo faz parte de um ciclo. Então, no final das contas, quem nos rege é o amor, quem nos motiva a algo é o amor, estamos em busca do amor e, independente de ganhar ou perder, inconscientemente fazemos questão de participar desse jogo.

- Amar é uma mistura de 1 - querer bem, com 2 - uma vontade de estar junto. Exemplos: Eu amo meu filho, eu o quero bem e quero sua presença e companhia (vontade de estar junto). Sinto isto também por minha namorada, porém mais pelo meu filho (não sei por que).

- O amor é um estado de espírito. Uma instância tão profunda que chega a não existir. Amor é sentir pena de si mesmo. Amor é dor de criança mimada. Amor é talvez o mito que mais gera problemas pessoais. É também o mito que mais produz sonhos, ilusões, frustrações, suicídios etc. O amor é uma mentira alimentada pelos publicitários, pelas histórias românticas, pelas fantasias infantis. Amar é ser criança. Pode-se dizer que o amor só existe enquanto somos adultos infantis. O amor, do ponto de vista filosófico é uma falácia. Pois se perguntarmos a alguém que ama que nos diga a razão do seu amor, porque ama aquela pessoa, esse indivíduo não poderá dar nenhuma resposta objetiva.

- Amor é um sentimento gostoso. Quando se ama alguém o mundo parece ser perfeito! Você sempre quer estar ao lado da pessoa amada, conta os segundos para poder vê-la. O amor é uma coisa pura e bonita. Ele não escolhe por quem vamos nos

enamorar, simplesmente planta a sementinha do amor em nossos corações e deixa por nossa conta, ou seja, temos que cuidar: regar com muito carinho! Assim transformando dois seres em um só!

- Amor é um sentimento diretamente relacionado a uma dependência emocional de um outro "objeto". Pode ser humano ou não. Você direciona seus sentimentos em relação a este objeto e tem-se uma dependência mental, de estar perto dele para satisfação pessoal. No caso de um objeto material, você sente-se mais seguro com a sua presença e um carinho especial para com este objeto. Já um ser humano, você deseja compartilhar seus sentimentos direcionando eles a essa outra pessoa, ou seja: se está feliz, é necessário que a pessoa a quem você ama também esteja para sua completa felicidade. Caso ela não esteja feliz, sua felicidade pode não se concretizar de forma extrema como pode ser exterminada por não ser correspondida.

- Amor é igual a um Tamagoshi: você se afeiçoa e depois tem pena de jogar fora.

- Acredito que se o amor é real, não se joga fora. Se transforma. Mas isso leva tempo... Pensa: um pai e uma mãe que amam seus filhos, nunca deixam de amar. Mas esse amor se transforma ao longo da vida.

- Um sentimento de pureza absoluto, que seria encontrado exclusivamente em algumas relações entre pais e filhos. Isto porque mesmo nessa ligação há muita conturbação às vezes. O amor entre homem e mulher teoricamente poderia até ser encontrado, mas não conheço nenhum caso. A meu ver, o amor e sua pureza estão desgarrados de qualquer outro sentimento, como inveja ou mesmo ciúmes. É mentira que quem

ama sente ciúme! E quem diz que não é ciumento pode estar vinculando este sentimento de outras maneiras, como o excesso de autoconfiança, ou uma relação moderna na qual cada um teria liberdades extremas, como beijar ou transar com terceiros. Amor é uma utopia, que é muito boa de ser citada quando se está apaixonado!

- Para mim, o amor não tem uma definição exata, acho até que não deva ter uma definição. Porque acredito que como as pessoas são diferentes, quem ama, ama da sua própria maneira. E, sendo assim, ao tentarmos definir este sentimento tão único, chegamos a uma situação em que é difícil de concordar ou discordar (tamanhas as maneiras de perceber o amor). O amor para mim não tem diferença, em se tratando de amor em família ou por um amigo. Somente, a meu ver, é mais complicado confessar que amo o amigo do que dizer isto aos pais todo dia, por exemplo. Talvez, seja porque o amigo é uma pessoa que a gente aprende a cada dia a conhecer melhor, já os nossos pais ficam ao lado de nós desde que chegamos ao mundo. A diferença surge quando ama-se um objeto. Podemos amar algo, porque nos faz lembrar de uma época especial da vida de um parente, a nossa infância, podemos amar algo porque um amigo gosta de mesma coisa. Mas, já que tenho que dizer de uma forma ou de outra, o que é o amor para mim, direi com toda certeza que é o melhor sentimento que a gente pode ter, pois a felicidade ao saber que somos amados por alguém não tem tamanho!

- Para se amar alguém verdadeiramente, tem que se focar no que a pessoa tem para te oferecer, nos valores que ela tem, de como ela vê a vida e como ela trata as pessoas. Acredito que para se amar outra pessoa, você precisa antes de tudo amar a si mesmo, se conhecer bem, para saber os seus próprios valores

e daí saber o que você procura na pessoa que você quer amar. Amor é tudo isso, é você se preocupar por aquela pessoa, ser companheira, ajudar com ideias quando se tem alguma dificuldade, apoiar a pessoa que você ama de todos os jeitos, ser cúmplice. Confiar na outra pessoa de todas as maneiras: financeiramente, amorosamente. Um pouco de ciúmes dá um temperinho, mas nada sem fundamento ou com exageros.

- É difícil dizer, acho que é uma das coisas inexplicáveis da vida. Depende de quem sente e como cada um age diante dele. É fácil saber os sintomas: coração pulando, sem saliva, pernas trêmulas, querer o outro ao seu lado constantemente e principalmente desejá-lo. As formas como lidamos com esse sentimento são várias, tem pessoas que fogem dele por medo de se machucar, tem outras que se entregam facilmente, que perdem o senso de si mesma e a grande maioria lida com ele da forma mais plena e leve. O amor é quando descobrimos no outro algo que nos agrada ou que falta para nossa vida, por isso vemos o parceiro(a) como um complemento, algo que falta e que faz diferença ao nosso lado.

- Amor, para mim, é um sentimento que é criado e cultivado através da admiração que você tem por alguém. Acho impossível o amor sem a admiração. A pessoa que a gente ama (pode ser namorado, pai, mãe, irmão, primos, etc.) pode ter milhões de defeitos, mas todos contornáveis; devem ser defeitos que não venham ferir os nossos valores, as nossas "crenças". Quando a admiração acaba, o amor acaba também. Mas quando a admiração é cultivada, o amor cresce, faz com que a gente queira estar sempre perto da pessoa e sinta prazer em fazer isto, queira ajudar e ser ajudado pela pessoa, queira dividir a nossa vida com ela, tenha vontade de construir a nossa vida junto com a da pessoa;

faz com que a gente torça pelo sucesso do outro, fique alegre com suas vitórias e triste com seus problemas.

- Amor é um sentimento muito forte que você tem por uma pessoa. Quando se tem amor também se tem muito ciúme da pessoa amada.

- Penso que mesmo que cada um de nós possa achar que tem uma opinião individualizada sobre o assunto, não podemos nos esquecer que há uma espécie de memória coletiva que em certa medida rege as nossas opiniões e sentimentos. E sem dúvida a nossa faz parte do pensamento Ocidental. Neste sentido, não podemos pensar o Amor sem que este esteja desvinculado de um sentimento antagônico... alguma coisa sublime e pura de se querer bem e proteger o objeto amado, ao mesmo tempo, que se confunde com o sentimento de posse do ser amado.

- Eu costumo dizer que amar é fazer com o outro aquilo que eu gostaria que fizessem comigo. Se você não pensa na dor do outro jamais poderá pensar na sua e viver em sociedade. Amar é ver o próximo do jeito que este é naturalmente. Sem artifícios baratos mais sim por sua própria essência!

- Eu poderia ser curta e grossa e dizer que o amor é indizível. Mas se já o reconheço como tal, já estou dizendo alguma coisa. Simplificando (ou melhor, adequando): Penso que o amor é bem difícil de precisar. Às vezes confunde-se com a paixão, ou com a admiração, ou com o ódio até (não dizem que são os tais opostos?). Ou seria o amor uma junção desses e outros sentimentos (ou sensações)? Acredito. Acho que em relação ao amor, digo e desdigo a todo o tempo. Afirmo e nego, sei e não sei... talvez o amor venha de fora pra dentro, ou de dentro pra fora. Uma longa reflexão... que talvez nunca saibamos integral-

mente. Ou sim. Tá aí: Amor é mistério... um grande mistério. Poderia também dizer que se a paixão é uma doença, o amor é sua cura... ou sua grande piora. Uma hipérbole!

- Amor pra mim acima de tudo é um nome dado a uma sensação. Cada um interpreta essa sensação de uma maneira, então para entender amor seria necessário uma descrição dessa sensação, que é uma coisa bem particular, sem contar que existem maneiras diferentes de sentir o amor, sendo em relações afetivas, relações sociais ou familiares. Na relação afetiva eu acredito que o amor seja uma espécie de obsessão (pelo menos em nossa cultura monogâmica), é algo intenso, incontrolável, talvez maior do que a própria vida, levando em consideração que o ser humano constantemente busca uma razão pra viver.

- Amor é querer bem, proteger, sentir o instinto de estar perto por querer estar e não por ser obrigado a estar. O ato de amar está acima dos conceitos sociais e das regras de coerção que a sociedade aplica no indivíduo. Amar é o simples ato de amar e se deslocar dentro de você mesmo para ter mais um alguém intrínseco. Esse sentimento não escolhe, apenas aparece ou se acostuma. Cuidar do outro, o bem tratar, o se preocupar, principalmente nesses dias de individualismo pleno em que vivemos. Um momento de transição do modernismo para a modernidade líquida, quando aparece alguém que te quer bem, você já ama. O amor também é instinto. Não podemos deixar de lembrar que no fundo ainda somos animais.

- É difícil definir o amor. O amor é felicidade e tristeza juntos. Porque nem todo mundo que ama é feliz, e o amor dói até quando ele é bom. Dói porque sente falta. Dói porque mal cabe

dentro de você, que parece que vai explodir. E é uma vontade incontrolável de dizer, de saber, de sentir. O amor mora dentro de você até quando você acha que não sente nada. Ele esquenta as maçãs do rosto, igual quando a gente sente vergonha, e faz as mãos suarem. O corpo treme, fica mole, o estômago fecha e dá até enjoo. Às vezes é tão estranha a sensação, que parece que você está morrendo. Mas quando essa "inquietação" passa, vem uma sensação de paz tão grande, uma tranquilidade que parece que você está voando... ou no céu. Nada te abala. Nada! Mas se você cai, a dor é tão grande, tão insuportável e desesperadora, que você morre mesmo. Mesmo!

- É difícil falar sobre o amor. Defini-lo é mais complicado ainda. O interessante é que esse sentimento te remete a uma série de outros e, então, você fica sem saber como explicá-lo. Posso dizer que é tudo um relacionamento, já que com ele sonhos são construídos e trocas passam a ser constantes.

- Já bati muito a cabeça tentando conceituar, para mim, o que é o amor. É óbvio que até hoje só tenho conjecturas que vou formando de acordo com minhas experiências, leituras, freios, e tudo que envolva minha subjetividade. Hoje, avalio mais o amor da ótica de mãe/pai para filho e em 2º lugar estes com seus pais. Esta é a nascente do amor, a meu ver. Claro, que tem inúmeros defeitos... mas talvez esses defeitos o façam amor... Aquele ato emocional, enraizado, impulsivo para o bem. Até talvez esta seja minha definição de amor. Só que só é visto na situação em que citei... Entre homem e mulher é difícil definir... muito mesmo. A sociedade descaracterizou demais o amor. Colocando-o como brega, vulgarizando até chegar a sua banalização. Talvez quem ame nem se enquadre nessa sociedade coletiva demais. Fico sem saber se amo mesmo, ou não tenho força suficiente para

remar sozinha. Fico sem saber se o amor leva obrigatoriamente ao egoísmo da possessividade sobre o corpo de alguém e sobre as experiências por quais ela passará a partir dali. Será possível viver feliz sem amor?

- Falar de amor e não falar em amar, pode-se cair na contradição, porque a palavra substantivada "AMOR" somente é conhecida quando vira verbo, ação. Aprendi a amar, amando e percebendo que quanto menos limitava o campo de ação, com preconceitos e formas pré-determinadas. O Amor tem um caminho livre e não necessita de arranjos para percebê-lo, o mais interessante é que quando se deixa esse caminho livre ele vai por si só ao encontro da mesma essência no outro. Falar em amor e também não falar do outro é impossível, pois a medida está no distanciamento que temos da nossa essência com a do outro. Por isso, é mais fácil as pessoas se perderem em amor pelo outro ou se entregar sem medidas porque é muito mais difícil saber se amar.

- É algo totalmente individual, que achamos que o outro irá sentir na sua plenitude, mas que não acontece. Ao mesmo tempo, ele invade sua alma de tal forma que você não consegue explicar onde ele fica, fica em tudo e em cada pensamento. Ainda não consegui explicá-lo, mas ele tem sido uma mescla de emoções doces e sofrimento intenso que penso, às vezes, que não vale a pena sentir nada.

- O amor é algo natural que surge do nada. Algo construído dia após dia. Para alguns, razão de viver. O Amor me mantém e me faz querer, sonhar mais e mais.

- Existem diversas maneiras de expressar o Amor, sabendo que é muito complexo também, é difícil expressar de forma

escrita. Para mim é muito mais fácil falar do que escrever. Porque quando falo me expresso melhor, dando ênfase, dando sentido e mostrando intensidade no assunto, coisa que no papel jamais retrataria com a mesma intensidade. O Amor é um sentimento forte. É aquele sentimento caloroso que aquece sem você ver. É a forma de desejar o bem ao próximo, a algo ou alguma coisa. Ex.: “Eu Amo Minha terra natal Macaé”. “Amei as flores que meu marido me deu hoje!”... Eu sinto que o Amor acalma, faz você viajar nas imaginações, nos sonhos, nas lembranças fazendo com que seus pensamentos e seu corpo possam flutuar de felicidade. O Amor, dentro da amizade, é quando nos deparamos com a afetividade, carinho, simpatia, ternura, cuidado, dedicação e companheirismo... Amor é o mais forte sentimento que existe. O Amor verdadeiro não está nas palavras e sim nas nossas atitudes, gesto, na maneira de agir, nas ações... É falar o que está sentindo, o que está pensando, é um verdadeiro conjunto de alegria, e quando se está amando, nos sentimos com intensa sensação de liberdade. O Amor nos faz sentir livre. Quem ama descobre a verdadeira sabedoria, saber Amar é uma arte. Essa é uma frase que costumo usar bastante: “Todo ser humano nasceu para ser livre e feliz”. O Amor não é um querer. É um sentimento que aparece, que lhe completa fazendo você se sentir forte e segura atingindo um poder, pois, o seu Eu e sua alma estão fortalecidos. Quando você abre seu coração simplesmente você está ampliando o caminho da felicidade que é o Amor. A pessoa que se Ama consegue transcender o seu Amor para as outras pessoas e olhar a vida de maneira reluzente, amando a vida como ela deve ser amada. O Amor no bom relacionamento, em primeiro lugar, deve priorizar o respeito, ter o prazer de estar em companhia do seu parceiro. Um querendo a felicidade do outro da mesma maneira como gostaria que fosse para si mesma.

Evitar a rotina, a mesmice, olhar sempre pelo lado bom de ver as coisas de maneira mais simples e descomplicada, com doçura e otimismo, ficar sempre bela (iluminada, atrativa, de bem com a vida), amável com quem escolhemos para toda a vida. Conhecer intimamente e ser conhecido pelo seu parceiro. É muito gostoso sentir o olhar com altos brilhos para você que lhe diz tudo, porém, sem pronunciar sequer uma palavra – é o Amor do fundo da alma. Poder acordar e ouvir “Eu te amo muito” e poder falar a mesma coisa “Eu te amo muito também”. E sentir que a cada dia você ama mais do que antes. É gratificante! Diálogo diário, hora do namoro, almoçar junto e rezar em família. O Amor verdadeiro e profundo é o encontro da alma gêmea. Parece mentira, mas é a mais pura realidade! Apesar das pessoas não falarem e sentirem da mesma maneira, acredito que é a falta de exercitar o Amor divino, diariamente. O Amor divino está disponível em cada um de nós e que deve ser praticado em qualquer situação, desde que haja consciência a respeito da sua verdadeira força e do poder de transformação que ele pode fazer. Esta força que DEUS originou divinamente concedendo a nós a ferramenta necessária ao bom convívio entre as criaturas e a evolução da própria espécie. A grande força está aí, é só usar. O Amor humaniza todas as coisas.

Segunda questão: **“Para se amar algo ou alguém é necessário que haja beleza no objeto amado? Em outras palavras, só se pode amar o Belo?”**

– É muito difícil responder essa pergunta, beleza pra mim pode não ser a mesma que pra você e assim por diante. Além do mais, a pessoa, o ser, é formado por um todo que inclui interior, exterior, jeitos, “trejeitos”. Tudo isso vai compondo o quadro, a arte da sua pessoa e isso é fascinante e encantador.

- Posso ter vontade de estar junto de alguém, só porque esse alguém é belo, mas não significa que quero seu bem. Então não é amor.

- Não existe o belo para o amor. Pelo contrário, é o “amar” alguém que cria a ilusão do belo. Olhe bem, não estou querendo dizer aqui que “o belo” não existe. Só não concordo que o amor tenha algo a ver com ele. O belo é um ideal estático, uma doutrina definida, assim como o bem é uma composição da ética. O belo é um conceito, e tem inclusive evolução.

- Para amar não é necessário beleza, pelo menos a exterior... Tem coisas muito mais importantes do que o belo!

- Não concordo com essa teoria. Mas claro que o que bonito lhe parece pode ser feio a outra pessoa. A beleza está sempre nos olhos de quem vê. Mas acho que o amor está mais direcionado ao emocional em relação ao objeto amado. Podendo-se amar alguém ou algo pelo simples fato desta outra figura formar um sentimento precioso em seu consciente ou subconsciente...

- Tratando o amor como um carinho incondicional, acho que não! Apesar de eu nunca ter amado algo que eu mesmo considerasse feio. Se eu acho A lindo mesmo que culturalmente seja considerado horroroso, foi necessário beleza - a meu ver - para construção desse amor, o que torna a resposta afirmativa! A amada pode ser feia para todos, mas se eu a amo dificilmente eu a acho feia. Então, sim, acho que só o belo pode ser amável, seja qual for a sua beleza, ela tem que haver!

- Não é verdade dizer que só podemos amar o Belo, o Bonito, o Bom. Tem gente que diz que química não é bela, mas

eu a amo! Eu encontro beleza estudando-a. Tem gente que diz não ser bom uma garota gostar de futebol, pois é o gosto de meninos, mas eu amo o futebol! Além de ser um divertimento, ele me permite me aproximar mais de meu pai, meus tios, meu primo, meus colegas garotos. Tem gente que diz que um grande amigo que tenho, não é bonito, tem quem diz dele não ser gentil, mas eu sei que não é verdade, além do mais, gosto dele muito e tenho muita simpatia por ele. O pouco (talvez) que conheci, permite de afirmar com absoluta certeza que ele é uma pessoa rara pela sua beleza, pela sua inteligência, pelos seus erros e dúvidas inclusive...

- Acho hipócrita quem diz que não se interessa pela beleza de alguém. Para mim a primeira impressão de um desconhecido com certeza é a beleza, ela é um chamariz para muitas coisas, não só para relacionamentos como também em certas profissões. A beleza chama a atenção, faz com que muitos admirem o belo só por ser belo. No mundo atual isso é uma das coisas mais importantes, senão não existiriam clínicas de estética superlotadas, produtos revolucionários contra velhice e um índice absurdo de cirurgias plásticas. Não tem mais como evitar, todos nos apaixonamos pelo belo. Porém creio que exista sim o amor de antigamente, aquele amor que desejava o outro pela sua coragem, bondade, inteligência, pelo jeito do outro, pela forma como te trata, ou seja, pelo jeito único de ser. Perguntamo-nos como na história da Bela e a Fera, uma moça tão linda consegue se envolver com um monstro? A resposta é simples, aquele monstro, no fim, conseguiu cativar não só ela como o público inteiro; pelo seu carinho e a importância que ele dava a ela. Assim vemos a Fera como um príncipe encantado, afinal quem ama o feio bonito lhe parece.

- Não acho que só se possa amar o Belo. Acho que isto seria um “amor” muito vazio. Pelo contrário, acho que a partir do momento em que amamos alguém ou algo, passamos a vê-lo como belo. Acho que a beleza vem do amor, da admiração, do carinho... E isto tudo pode não ser percebido ou sentido a princípio. Então podemos amar algo “não-Belo” que pode se tornar Belo depois. O fato de “ser Belo” não é uma condição para o amor, e sim uma consequência.

- Não é necessário que haja beleza no objeto.

- Quanto à beleza desse objeto, acho que ela acaba sendo indispensável. Mas esse belo fica na esfera do subjetivo, é o belo individualizado... Tudo o que se ama passa a ser belo, não importa se este esteja dentro de um padrão de beleza.

- Acredito que amar só o belo como você mesmo menciona não seja um único meio pra se amar. Aliás, o que é o belo? De repente o que é belo pra você não é pra mim! Vivemos em um mundo onde a ditadura da mídia sempre nos impõe um certo hábito, costume, enfim, maneiras as quais não anulam a visão utópica do amor. Acredito que mesmo os padrões de beleza não sejam os principais motivos para se amar alguém.

- Eu poderia ser bem sintética e dizer “Não!”, mas estaria cometendo um grande erro... Para se amar algo/alguém (se é que de fato sei mesmo o que é amar algo/alguém) é necessário, sim, que esse algo/alguém seja belo... Porém, belo aos nossos olhos. O Belo é uma experiência única, singular, nossa. Aquele velho clichê: o que é belo para mim, pode não ser para o outro. Clichê pertinente... Afinal, se falamos de singularidade, subjetividade ou o nome que quisermos usar, estaremos mesmo falando de algo “para nós”. Mesmo que não achemos aquele

algo/alguém necessariamente bonito, é claro que o acharemos essencialmente bonito. Alguma coisa nele gritou, esperneou, saltou aos nossos olhos. O Belo se manifestou ali, naquele momento, só para mim...

- No caso da família ou das relações sociais, acredito que não. Mas na relação afetiva até hoje eu não sei como tem gente que casa com outra pessoa que é feia. Não entendo, pra mim beleza é completamente essencial, eu sou muito chato com questão de estética (acho que fui muito influenciado pela playboy na minha pré-adolescência). Eu não conseguiria amar uma mulher sem que ela fosse bonita. Eu preciso ter algo para admirar, mas também se não tiver conteúdo não rola. Dizem que quando a pessoa é interessante, e você tem afinidade com ela, a beleza vira algo relativo... ela passa a ser bela... (isso ainda não aconteceu comigo, mas aconteceu com pessoas ao meu redor).

- Não é que só se pode amar o Belo. Mas sempre vai existir beleza no objeto amado para nós. Porque existe um deslumbramento, um encanto. Parece que aquela pessoa "fica" perfeita para você. É como se ela fosse o auge. Algo que ninguém mais tem, ou poderia ter. Tanto que a coisa mais difícil é falar com alguém sobre os defeitos da pessoa que ela ama, e principalmente sobre fidelidade. Mas com o tempo a gente aprende que existe beleza na imperfeição. Que a pessoa pode (e deve) ter defeitos, diferenças e cometer erros. A maior prova de amor está na convivência, nos ensinamentos, na aceitação, e principalmente no respeito.

- O belo ajuda e muito, mas é um tanto perigoso, já que ele pode ser vazio. Tenho que conhecer a pessoa. Procuo imaginar como a pessoa se comportaria em determinadas situações.

- A discussão de Platão me jogou muito para reflexão. Eu sempre achei isso, mas não encontrava palavras para dizê-lo. O belo ligado à inteligência. Mas talvez não somente ligado à inteligência, este conceito precisa ser melhorado, mas de potência, poder, o belo é bom. Não precisa ser belo, apenas ter algo de valor. Para mim, o cara bonito fica muito feio quando é oco. Muito. Acho que o belo (de bonito) é usado para receber aceitação, mostrar poder. Mas porque o bonito é tão difícil? Inalcançável? A definição disso deveria ser bonito e não belo. Enfim, belo, para mim, pode ser a definição de um tesouro que a gente encontra escondido nos ares que habitam a alma. Talvez nem esteja escondido, esteja tão à mostra que fica banalizado ou é intitulado como jeitinho de viver... Mas ainda sim, é belo.

- Nós até reconhecemos o belo, a visão faz parte dos nossos sentidos essenciais. Mas, se não a temos? O belo é sentido. Da mesma forma o amor, o belo, neste caso, é sentido e não visto. Torna-se belo por aquilo que lhe traz de emoções, carinhos, desejos, que ultrapassam o campo imediato do ver.

- Depende da circunstância em que o outro foi conhecido. Se você estiver à procura de alguém para se relacionar, sua escolha será por alguém agradável e belo. Mas se as circunstâncias do envolvimento surgiram de uma pré-amizade, as coisas são diferentes. Você olhará com outros olhos e a beleza será um pouco menos necessária.

- O Belo é muito relativo, o que é Belo é Belo por natureza. É uma dádiva, é necessário que tenha brilho se não houver, não é Belo. O Belo é o próprio poder criador em seu ato. O Belo tem luz própria e se faz visível aos nossos olhos. O Belo é verdadeiro, é harmônico e têm princípios. Às vezes parte de uma realidade

física para uma realidade espiritual. O Belo às vezes não parece que é Belo, mas para quem tem sensibilidade de analisar verá que tem brilho e que é iluminado pela beleza natural. A beleza está no interior do ser humano, que transcende naturalmente e de formas diferentes. A beleza e o Amor caminham juntos. O Belo é o verdadeiro é o completo é a luz da realidade. O belo já diz tudo é simplesmente Belo!

As perguntas foram respondidas de acordo com percepção de cada um, na tentativa de fazer com que as pessoas transmitissem aquilo que realmente sentem. Algo difícilimo, eu reconheço, mas o que quero demonstrar é que mesmo sendo pessoas participantes do mesmo ambiente cultural, e, portanto, tendo as mesmas referências para suas definições, a diversidade de respostas só demonstra a incapacidade de se fixar definições para o sentimento. Existe algo ao qual não nos é possível transmitir apenas com a linguagem, que nos é pessoal e intransmissível, mas que mesmo assim tentamos transmitir o tempo todo aos demais.

A palavra, oriunda da linguagem, nos remete a todas as nossas experiências vividas e não só a um conceito puro. Ao falar-se de amor, temos toda uma vivência passada, que nos auxilia na resposta, não sendo caracterizado por algo fixo e vivido de maneira igual por todos. O que não quer dizer que ele seja relativo, mas que se apresenta de maneira diferente a cada um de nós. Explicando-me melhor: o amor é algo que todos temos uma experiência; ao falar de amor não vamos pensar em uma cadeira, ou uma mesa ou qualquer outra coisa, senão no amor. No entanto, o amor não tem uma única maneira de se apresentar, pois remete ao sentimento pessoal de cada um e, antes de ser aleatório, é variado e experimentado na sua diversidade tão quanto o número de indivíduos existentes no mundo.

Na defesa que faço neste trabalho, o sentimento é algo profundamente pessoal, não tendo uma forma fixa de defini-lo por inteiro. Muitas outras maneiras podem ser colocadas para se falar do amor. Eu apenas exponho uma delas, não tendo o intuito de responder as questões colocadas acima, já que fazer isto seria admitir a fixação de definições do amor pelas palavras. O que pretendo com este trabalho é elaborar uma análise sobre as questões levantadas, baseando-me para isso nas obras de Platão e Alberto Caeiro, este último, heterônimo de Fernando Pessoa³. Jogando muitas vezes com a ambiguidade da relação que se faz entre esses dois pensadores, pretendemos elucidar uma parte dos assuntos amorosos descritos por esses dois autores e demonstrar a necessidade do sentimento para se estabelecer a comunicação entre as pessoas.

Começemos por Platão através da conversa entre Sócrates e Fedro:

Sócrates: O amor, devemos classificá-lo no número das coisas sujeitas a controvérsia ou das que o não são?

Fedro: Sem dúvida no das sujeitas a controvérsia. Caso contrário, julgas que te seria possível dizer o que disseste agora mesmo acerca dele, que é uma calamidade para o amado e para o amante, e depois que é o maior dos bens?⁴

Platão procura transcender a matéria e a atingir o máximo do inteligível através da razão. No diálogo em questão, ele usará a figura de Sócrates para conduzir o diálogo. Sabemos que *Sócrates* nada escreveu, mas aparece nos diálogos

3 Toda a poesia de Alberto Caeiro aqui apresentada foi tirada de: PESSOA, Fernando. *Poesia Completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005. Passarei a somente indicar através das notas as páginas onde estas se encontram.

4 PLATÃO. *Fedro*, 263c. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 94. Passarei a citar somente por *Fedro*.

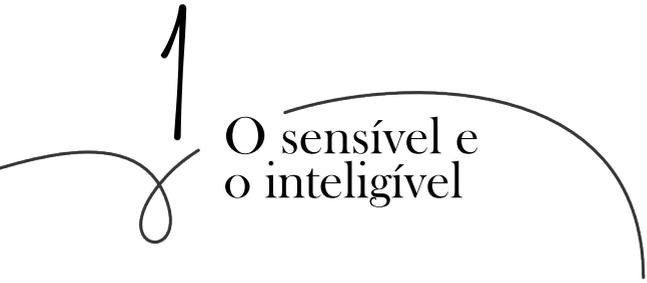
de Platão como personagem fundamental. No diálogo acima, podemos perceber que o amor é um assunto controverso e que foi demais explorado pelos mais diversos pensadores, desde poetas até filósofos.

Caeiro é um poeta da exaltação das sensações que apresentará uma visão límpida e pura do sensível. Sensível e inteligível, portanto, estarão em debate neste livro, um debate antigo, como podemos perceber, mas ainda inconcluso. Os dois autores, em suas diferenças, acabam por apresentarem um ponto convergente: o debate sobre o amor. É com base nisso que pretendo no decorrer deste ensaio desenvolver as principais questões através de oito capítulos, onde ao final de cada um destes pretendo interpretar uma poesia do *Pastor Amoroso* de Alberto Caeiro. Esse conjunto de poemas é considerado por mim como essencial para o desenvolvimento do pensamento de Caeiro e, também, como um complemento importantíssimo para o *Guardador de Rebanhos*.

Aviso que apenas nesta introdução resolvi utilizar-me da primeira pessoa do singular, já que eu falava de algumas experiências pessoais. Nas demais colocações deste trabalho não mais irei dirigir-me desta forma. Um livro nunca é feito puramente sozinho e, desse modo, utilizar-me-ei da primeira pessoa do plural, já que muitos foram aqueles que de alguma forma contribuíram para a construção deste livro. Além dos autores citados na bibliografia, aproveito aqui para fazer meus agradecimentos às pessoas importantes para a construção deste trabalho: Meus pais Adyr (*in memoriam*) e Gloria Regina, por toda a dedicação que tiveram em me educar, cuidar e me amar. À Melzinha, que foi adotada pela minha mãe e a

segue aonde ela vá. Minha avó Alda e minha irmã Ana Luiza (Nalu), fundamentais para a minha vida. Aos avós já falecidos e familiares das famílias Bentim e Menezes. Ao meu padrinho Sérgio, à minha madrinha Suzana e ao Paulo, à minha dindastra Denise, ao meu afilhado Rodrigo e à Tia Maria, por estarem sempre do meu lado. Aos meus amigos Heder, André, Gabriel, Daniel, Rômulo, Thiago, Mário, Marcelo, Fabi e Clarice. À família amiga Elaine, Henrique, Christiane e Alessandra. À memória do professor Drauzio Gonzaga com quem comecei este trabalho; ao professor Marcus Vinicius pela amizade e por ter sido aquele que me deu “a grande porrada” pra vida. Sua recomendação para eu ler *A República* de Platão foi o marco inicial para toda a mudança que viria a ocorrer no meu ser. Ao professor Oswaldo, agradeço por ele acreditar na minha capacidade. Aprendi muito com este mestre. À Maria Elizabeth (Kalê) e Antonio Godoy junto com os cães Juno, Argos, Thelminha e Louise mais a gata Nona. Sempre serão lembrados com o eterno amor que habita o meu ser (Only lovers left alive). À Júlia e à Luzia. Ao Fabio Candido pela paciência que teve em ouvir todas as minhas dúvidas em filosofia e por ter me recomendado a leitura de Dostoiévski. Aos colegas do CPII e IFTM. Aos camaradas do Comando de Greve do IFTM 2024: Bruno, Camilo, Eliana, Lorena, Lucas, Patricia, Robson, Ruy, Tiago, Túlio, Valdomiro, Wilma. Companheiros de luta! Agradeço também aos membros da Editora do IFTM, principalmente, à Carla, à Mariangela e à Ana Clara. Ao Danillo, companheiro de Filosofia. Ao Reginaldo companheiro para todas as horas no Amapá. Ao amigo Rafael Balieiro pelas conversas filosóficas no crossfit: teu apoio foi fundamental. Aos amigos Oliveira e Hannya e todos(as) companheiros e companheiras do Balibox. Aos camaradas Marcelo Guimarães e Germano Nogueira, o *Círculo Marciano* precisa de vocês. À Nathalia (Toddyinho). À Jhou! e à Ju. Inesquecíveis, mesmo que nunca mais as veja. À Nashla, Gaby

e Dulci (memórias distantes). À Thamiris Oliveira e Isis Oliveira, vocês são importantes para mim, saudade! Olívia Meireles, Bruna Matos Silva, Mônica Wyllie, Roberta Boumaroun, Bruno Bernardes, Luiz Maurício (não sou eu), Pedro Boschi, Heder Magalhães, Marla Cristina, Ana Luiza Menezes, Marcus Faria, Carolina Cardoso, Iryna Grafova, Marcos Raphael, Inês Nogueira, Jacqueline Ventapane, Mariana Carn, Thiago David, Alessandro Gonçalves Vieira, Sandra Heinerici, Renata Soneghetti, Helena Ribeiro Moniz de Aragão, Helaine Souza, Tamara, Anna Cecília, Maria Júlia, Eva, Lua e Ivy (Iva). Um agradecimento especial para a Gelli que já faz parte da minha história. Obrigado a todos e todas por participarem direta ou indiretamente deste livro.



1 O sensível e o inteligível

*“Pense em quão seca e árida é a boa saúde.
Especialmente se for da alma tanto quanto do corpo”.*
- *Morte em Veneza (Filme)*

O mundo que conhecemos imediatamente é o da materialidade. Platão irá fazer a distinção entre sensível e inteligível para distinguir os graus da realidade existente. O sensível é aonde temos o contato pelas sensações e participamos de uma experiência empírica com os objetos. O inteligível é aquele onde se encontrariam as ideias ou formas⁵. Para Platão, as formas seriam aquilo que possibilita a formação do mundo, sendo tudo existente no sensível uma cópia do inteligível. Em resumo, o inteligível é a unidade da multiplicidade do sensível e, por isso, o grau de realidade daquele é maior do que deste.

Alberto Caeiro em sua obra fará uma exaltação da sensação acima de tudo. Ele prezarão pelo mundo físico e por tudo aquilo que de imediato contato pudermos ter. Para ele nossos sentidos existem para nos dar o mundo como ele é, não havendo a necessidade de metafísica para caracterizá-lo. Abaixo, coloca-se o poema V do *Guardador de Rebanhos*, que é aquele considerado o mais característico em sua forma de pensar.

⁵ Ideia ou Forma são ambas traduções aceitáveis para a palavra grega εἶδος (*eídos*).

Poema V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

*O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.*

*Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).*

*O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.*

*Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem sabe o que não sabem?*

*“Constituição íntima das cousas”...
“Sentido íntimo do universo”...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer
nada.
É incrível que se possa pensar em cousas
dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando,
e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a
escuridão.
Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentando, é como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.*

*O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.*

*Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, **Aqui estou!***

*(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para
as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas
ensina.)*

*Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma
missão,
E uma comunhão com os olhos e pelos
ouvidos.*

*Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol
e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,*

*Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.*

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda hora.” (p. 23-25)*

Caeiro em sua tentativa de negar a metafísica acaba por constituir uma nova metafísica do mundo apenas pelos sentidos. O início do poema preza pelo não pensar, pois o pensar é algo sempre presente no ser humano desde a célebre frase de Descartes “eu penso, logo eu sou” (2018, p. 91)⁶, que caracteriza a metafísica como uma necessidade de transcender, uma vontade de ir além que tem como ponto de partida o “eu penso”. É interessante observar como isto está presente na obra de Caeiro através da negação de todo pensar.

O pensar é algo inerente ao ser humano, já que este não consegue viver sem produzir pensamentos mesmo que estes levem ao nada. Percebemos, com isto, que o pensar vem antes do nada no poema, o que demonstra uma vontade de pensar antes de qualquer coisa. Caeiro poderia ter dito: Há metafísica bastante em nada pensar, mas isto não é feito devido a esta necessidade de se pensar sempre. Essa inversão (pensar em nada e nada pensar) mudaria completamente o sentido do texto. Por isso, ao pensar em nada, temos o poder do pensamento sobre o mundo

⁶ A citação também conhecida como “penso, logo existo”, no latim “ego cogito, ergo sum”.

humano, afirmando a sua existência. A frase final “Se adoecesse pensaria nisso”, demonstra uma característica de Caeiro, que dizia que uma pessoa doente deve pensar tudo ao contrário do que pensa quando está são, senão não estaria doente⁷.

Caeiro associa o pensamento a algo errôneo, uma doença inerente ao homem que não consegue viver de outra forma, sempre colocando o pensamento em primeiro lugar. Pensar sobre o mundo, querer saber sobre Deus e a alma seria na verdade não querer pensar. Esse tipo de pensamento seria o verdadeiro não pensar, pois Caeiro associa as coisas como elas nos aparecem, ao olhar que temos sobre as coisas e não propriamente a maneira que a qual pensamos sobre elas. Se os olhos são a janela da alma, deve-se aprender a olhar através, ver o que nos é mostrado e não a pensar sobre o que não vemos. Uma ligação desse ponto de vista de Caeiro pode ser feita com Oscar Wilde quando este nos diz: “O verdadeiro mistério das coisas é o visível, não o invisível...” (1972, p. 34). Pois só existe mistério para aqueles que pensam nele, para quem não consegue ver o mundo. Se a janela não tem cortinas, a verdadeira janela seria a própria alma, num contato direto com o mundo e que nunca pode ser desligada, estando intimamente ligada à experiência sensível do mundo existente.

O signo sol se remete ao bem, lembrando a analogia feita por Platão na *República* na imagem da caverna, em que ele diz ser o sol o símile do bem. O sol em Caeiro também é bom. Sentir o sol de olhos fechados significa associar coisas semelhantes a ele sem que consiga se chegar até ele. Ao se olhar diretamente o sol nada mais se pode pensar, pois o sol responde por si mesmo e não necessita que se remeta a ele nenhum pensamento fora

7 Cf. Poema XV do *Guardador de Rebanhos*.

dele. É como atingir a ideia de bem em Platão através da contemplação do sol. Tentar dar um significado à natureza é errôneo; pensar em metafísica da natureza é errado, pois sua função não está para além da física, ela se encontra na própria física, ela está no mundo. O que só demonstra o quanto o homem apesar de inserido na natureza, não consegue participar desta apenas em seu estado físico, mas necessita de uma metafísica.

*Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentando, é como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.*

Nessa parte Caeiro mostra o quão errado é tentar associar sentido às coisas. Pensa-se demais e vê-se de menos. O que é pensar na saúde? Ou se tem ou não se tem saúde. É algo que sentimos e não pensamos. A ligação feita por ele com o copo e a fonte é perfeita. Para que precisamos de copo quando já estamos na fonte? Têm-se a fonte não precisamos do copo, basta beber direto da fonte, sem intermediários. Lembra a anedota de Diógenes, o cínico, que andava sempre com uma caneca para tomar água. Um dia, ao ver uma criança bebendo água diretamente da fonte sem nenhum utensílio, jogou fora a sua caneca dizendo: "Já não preciso mais disto".

O mesmo deve-se dar em relação ao corpo e a alma. O pensamento é um intermediário do homem às coisas, pois o ser humano é o único que julga antes de conhecer, o que muitas vezes evita que o objeto seja conhecido de fato. O ser humano faz pouco uso dos seus sentidos, já que procura pensar neles antes mesmo de realmente sentir. Na relação com a natureza e até mesmo com os outros homens é preciso uma relação mais direta, que só é feita através dos sentidos, já que pensar antes

de sentir coloca o pensamento como intermediário abafando a capacidade de sentir. Já em Platão é feita uma relação totalmente contrária. Os sentidos representam o intermediário, e por isso, devem ser evitados.

[...] as coisas que são examinadas por meio de um intermediário qualquer nada possuem de verdadeiro, e pertencem ao gênero do sensível e do visível enquanto que o que elas veem pelos seus próprios meios é inteligível e, ao mesmo tempo, invisível!⁸.

O mundo dos sentidos defendido por Caeiro preza pelo visível e por uma relação imediata com as coisas sem intermédio do pensamento. Platão defende o inteligível dizendo-nos que o intelecto é o único capaz de atingir as ideias e a verdadeira realidade do mundo. Portanto, podemos dizer que a verdade para Caeiro está naquilo que podemos ver (sentir) de imediato, em Platão naquilo que alcançamos apenas através do intelecto, através de um outro tipo de ver, isto é, a visão do *lógos*.

Ao falar de Deus no final do poema, Caeiro demonstra bem essa ideia do pensamento antes do conhecer. Ele diz não acreditar em Deus pelo fato de ele nunca ter aparecido a ele, mas ele não diz que Deus não existe. O que ele quer dizer com isto é que Deus pensado na forma que for pelo ser humano nunca será Deus. Pois o pensar em Deus é a criação de um intermediário que afasta o ser humano que pensa de Deus ao invés de aproximá-lo. Deus, dessa forma, é criado pelos seres humanos e deixa de participar do mundo. Como no começo do poema número VI que segue:

⁸ PLATÃO. *Fédon*, 83b. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Será citado apenas como *Fédon*.

*Pensar em deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou... (p. 26)*

Para Caeiro as coisas devem ser conhecidas com os sentidos e se Deus não se mostra ao homem é porque não quer que o conheçamos. E se no caso ele preferir ser conhecido como flores e árvores e montes e sol e luar, então se deve acreditar nele, porque isto nós podemos ver. Ao usar as palavras oração, missa e comunhão numa ligação com a natureza, Caeiro associa a religiosidade existente no ser humano à sua estrutura natural de ser. Estes conceitos devem ser utilizados pelos sentidos, no caso do poema os olhos e os ouvidos, e não com o pensamento que cria ideias errôneas das coisas. Assim, Caeiro vê Deus na natureza e acredita nele sem precisar pensar nele. Na sua vida simples e ligado à natureza, ele diz andar o tempo todo com Deus, sem que com isso pense nele, pois se Deus é a natureza ele pode pensar nele somente vendo e ouvindo.

Em Platão a conformação da alma ao corpo evita que aquela chegue ao estado de pureza, não conseguindo evitar os vícios do corpo e, portanto, não podendo participar da existência do que é divino. Segundo o *Fédon*, corpo seria a prisão da alma, que estariam unos por obra do desejo que evita que a alma se liberte da cadeia do corpo. O corpo produziria ilusões através dos sentidos impossibilitando a visão da verdade, e por isto se recomenda às almas que se voltem para si mesmas, não confiando em nada mais do que si mesmas.

O sentimento é este algo que possui uma relação direta com o corpo e a alma, permitindo uma ligação imediata entre eles. Não haveria uma separação entre corpo, representante do sensível, e alma, representante do inteligível. O sentimento repre-

senta o diálogo entre estes, sendo aquilo que permitiria a harmonia que possibilitaria extrair do interior da alma a obra humana, de maneira singular, e expressá-la no mundo. O pensar e o sentir estão unos, e não o contrário como se imagina, e o sentimento seria aquele que torna isto possível, pois ele participa tanto do corpo como da alma, possibilitando o livre fluxo da vida. Para isso tem-se como meio de investigação o Amor. Nisso coloca-se o poema I do *Pastor Amoroso*.

Poema I

*Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo
a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e
próxima.
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor...
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu não me mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo,
mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais
demoradamente
Sobre todas as cousas.*

*Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter
amado. (p. 78)*

A referência para a pureza está na “Virgem Maria”. No entanto, não se deve prender ao fato dela ser virgem, pois a

pureza de Maria está no que ela representa e não no fato dela ser virgem. A virgindade no caso é o fator escolhido para representar a pureza através do seu corpo. É uma visão mais pragmática, para aqueles que não conseguem enxergar para além do fator físico. Mas a denominação da pureza não está no corpo, mas sim na alma. Mesmo que Maria não fosse virgem nada mudaria em relação a sua pureza, já que é a maneira como vivemos e agimos que denomina o quão puro somos. Nossos atos determinam se nossa alma continua a ser imaculada. A maneira mais prática encontrada para representar a pureza da “Virgem Maria” foi através da sua virgindade, e esta não é uma virgindade física, do corpo, mas sim uma virgindade da alma, intocada pelo mal. O amor permite que a relação do amante com o amado desperte outros olhares, tanto para como se vê o interior como no exterior. Isto pode se verificar na relação com a Natureza que se modifica perante o amor.

Tudo isso acaba por levar o homem sempre à capacidade que ele tem de transcender, através de uma disposição profunda de humor, de uma experiência vital, que permitem o homem modificar horizontes.

2

Um diálogo entre razão e sentimento

“Compreendi, também, que ele aprecia mais a minha inteligência e os meus talentos do que o meu coração, meu único motivo de orgulho, a única fonte de tudo, de toda a minha força, da minha felicidade e da minha desdita. Ah, o que sei, todos podem saber - meu coração, porém somente a mim pertence”.
- Goethe (Werther)

Muito ainda temos para vivenciar para atingir o pensar e o sentir como algo uno. É preciso que antes se faça uma análise das sensações para tentar entender qual o papel delas nas relações do homem. A razão, nossa companheira, muitas vezes é posta como aquela realmente significativa ao ser humano. No entanto, não podemos esquecer que todas as emoções, experiências e vivências pelas quais passamos tem antes um motivo de ser nas sensações que perpassam pelos nossos sentidos.

Segundo Platão, a alma é imortal e, por ser imortal, já pôde contemplar todas as coisas existentes, estando apenas se lembrando de todas elas através dos sentidos. Está é a teoria da reminiscência platônica⁹. O que se diferencia totalmente de Alberto Caeiro em sua relação com o mundo. Vejamos sua posição no poema II do *Guardador de Rebanhos*.

9 PLATÃO. *Mênon*. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro. Será citado com *Mênon* apenas.

Poema II

*"O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo comigo
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo..."*

*Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo.*

*Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o
que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar..." (p. 19)*

Neste poema há uma clara demonstração de como o olhar capta o mundo como ele é. O olhar é nítido, não se engana e está pronto a perceber todas as passagens e mudanças presentes na natureza. A cada momento que passa o que é visto é algo que nunca antes se viu, bem diferente de Platão que através da teoria da reminiscência vai nos dizer que aquilo que vemos já é conhecido por nós e que estamos apenas nos lembrando daquilo que anteriormente conhecemos no inteligível eterno.

Pela maneira de Caeiro, podemos colocar um mundo onde as coisas aparecem como elas são, não tendo nada para ser descoberto, e tudo é como é. Para que devemos pensar nas coisas, se pensar é não compreender? O certo é podermos ver. Ver e ser capaz de admirar-se com a novidade sempre presente do mundo. Mas se assim for nada poderá ser, porque tudo que nos aparece já não será logo depois. E desta maneira como poderemos falar das coisas? Os gregos utilizavam uma só palavra, o *lógos*, para linguagem e razão, indicando que não haveria raciocínio sem que antes houvesse linguagem. Mas como pode a linguagem ser alcançada num mundo de permanente mudança, onde nada é que já não tenha mudado no momento anterior e que assim irá mudar no momento posterior? Não nos seria possível conhecer nada, já que ao tentarmos conhecer o objeto este já teria mudado. “Não há conhecimento que conheça o objeto do conhecimento que não se encontra em nenhum estado”¹⁰.

Se pegarmos o pensamento de Platão, podemos analisar uma tentativa de captar o mundo pelo intelecto. Ele admite a movimentação do mundo, mas compreende que nesta constante mudança ainda nos é possível perceber as coisas e podermos dizê-las devido à capacidade da razão de captar a essências dos objetos. Estes deveriam ser estudados neles mesmos e não pela aparência deles. Somente assim não haveria engano e poderíamos falar das coisas. Mas ainda nos encontramos em um dilema: 1) o mundo é como nos aparece, e assim sendo, pensar nele é não ver como ele realmente é; 2) a aparência é uma ilusão e devemos evita-la, investigando as coisas pela sua essência, esta sim verdadeira.

10 PLATÃO. *Crátilo*, 440a. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. Será citado como *Crátilo* apenas.

Se pensarmos na primeira possibilidade, nada haveria além do objeto e devido ao movimento constante do mundo, não poderíamos nunca confiar em nenhuma palavra ou definição, pois está nunca poderia captar algo em constante movimentação. Só poderíamos nos limitar a nós mesmo e qualquer comunicação nos seria impossível, sem que acontecesse o engano. Qualquer tentativa de falar não passaria de um ruído. Já a segunda possibilidade, nos possibilitaria falar sobre o objeto, mas nos levaria a uma constante desconfiança das coisas que vemos. Uma das frases mais importantes de Caeiro é “Pensar é estar doente dos olhos”. Ela se encontra entre parênteses no poema analisado, mas possui um peso fortíssimo para a investigação que aqui se faz. Ela nos coloca o pensamento como algo que nos deixa doentes, que não permite que possamos ver o mundo como ele nos apresenta. Através da elaboração das mais diversas teorias o homem sempre pensou o mundo, mas se esqueceu que para que antes pudesse pensar ele precisou olhar para o mundo. Interpretamos está frase mais como uma crítica do que como uma verdade, afinal, não há como se retirar a capacidade de pensar do homem, mas podemos criticar este pensar a partir do momento que este deixou de olhar. De que nos serve a filosofia se esta não participar de uma vivência que nos permita sentir o mundo? A filosofia não deve ser algo isolado em teorias, mas antes de tudo ela faz parte de uma experiência vital, que nos permite sim pensarmos de uma maneira mais livre e em comunhão com o mundo. Ao falarmos de conceitos como natureza, estamos falando de algo que foi criado pelo homem a partir de uma visão da realidade. A natureza como a pensamos não é a natureza como ela é, já que ela não se limita a um conceito dado por nós. O mesmo se dá com o amor, pois este vai muito além do puro pensar. Quando se ama faltam explica-

ções, pois o coração não compreende as explicações que nos são dadas pela razão.

As conceituações dadas para as sensações depois de examinadas pela razão nos permite que possamos falar delas. A visão, o paladar, a audição, o tato, o olfato e “todas essas qualidades sensíveis estão no objeto que as causa” (Hobbes, 2004, p.20). O sentimento é algo que atinge tanto o espírito como o corpo, ele permite que estes fiquem em comunhão e possam se relacionar devidamente. No romantismo o sentimento será caracterizado pelo coração. E é este que tomará forma para representar o sentir único e fundamental para o amor. O coração será transformado em um órgão do desejo, “em objeto de dom – quer ignorado, quer rejeitado” (Barthes, 2003, p.91). O que colocamos aqui é a não separação da alma e do coração na Grécia Antiga, como podemos verificar na fala de Alcibíades no final do *Banquete*:

Porém eu fui mordido por algo mais doloroso e no ponto mais sensível do meu ser: o coração ou a alma – o nome pouco importa – pelos discursos filosóficos, de ação mais profunda do que a do veneno das víboras, quando atuam numa alma jovem e bem-nascida e a levam a tudo dizer e realizar¹¹.

O ponto mais sensível do homem é justamente a alma, cujo aspecto é inteligível. O que só nos faz afirmar o sentimento como algo que unifica o corpo da alma, o coração do espírito, fazendo com que a razão possa se aproximar do sentir. O humano é um contínuo da natureza; razão, sensação e sentimento são impulsos da natureza. Aqui, portanto, coloco o poema II do *Pastor Amoroso*.

¹¹ PLATÃO. *O Banquete*. 218ab. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. Cita-se somente como *Banquete* a partir de agora.

Poema II

*Está alta no céu a lua e é primavera.
Penso em ti e dentro de mim estou completo.*

*Corre pelos vagos campos até mim uma
brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou
eu: sou feliz.*

*Amanhã virás, andarás comigo a colher
flores pelos campos,
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te
colher flores.*

*Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo
pelos campos,
Mas quando vieres amanhã e andares
comigo realmente a colher flores,
Isso será uma alegria e uma novidade para
mim. (p.79)*

Pensar representa uma completude do que se sente. Quando se gosta de algo, pensar é como poder se aproximar deste algo, como um querer que é situado através da possibilidade. Pensar em algo é sentir falta deste algo e aproximar este, mesmo que seja pela ausência. Pensar se torna uma necessidade de representar aquilo que se sente falta. Torna-se uma divagação do imaginário, do sonho que tenta completar aquilo que não se possui. Caeiro neste poema utiliza os elementos da natureza para trazer até o homem os pensamentos necessários à lembrança. E também cria através do pensamento a expectativa do amanhã, pois o amanhã com a amada é sempre mais feliz do que o hoje sem ela. E através destas construções que se faz presente o pensamento, trazendo elementos que significam o sentir.

3

A relação amor e belo

*“Antes do nascimento do amor,
a beleza é necessária como emblema,
ela predispõe a essa paixão pelos elogios
que ouvimos sobre aqueles que amaremos”.*

- Stendhal

“Quando não há amor, de que servirá a beleza?”

- Rousseau

O Belo é antes de tudo um conceito estético que implica o gosto. O gosto é o que move a descrição da beleza, é como um motor que nos leva a escolher o que nos agrada e o que nos desagradar. Gostar, portanto, implica um julgamento que é feito a partir de algo que nos é, ou não, aprazível ao sentir.

O gosto é de algum modo, o microscópio do julgamento, é ele que coloca os pequenos objetos ao seu alcance, e suas operações começam onde se detêm as do último. Que é necessário então para cultivá-lo? Exercitar-se para ver assim como para sentir e para julgar o belo por inspeção como o bom por sentimento” (Rousseau, 1994, p. 67).

O que admiramos pelos sentidos, o que julgamos pela razão e o que sentimos com a alma fazem parte de uma consideração estética. É assim que o gosto será utilizado para considerar e caracterizar o belo. Mas se a beleza é tão somente

uma conceituação do gosto, não há como se falar em uma beleza fora dos julgamentos do humano? Não será a natureza também bela? Em que nos presta a beleza se esta se modificar através dos mais variados gostos? É no poema XXVI do *Guardador de Rebanhos* que Caetano de Campos nos apresentará esta crítica.

Poema XXVI

*Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
Em que as cousas têm toda a realidade que
podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às cousas.*

*Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer coisa que
não existe
Que eu dou às cousas em troca do agrado
que me dão.
Não significa nada.
Então porque digo eu das cousas: são belas?*

*Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos
homens
Perante as cousas,
Perante as cousas que simplesmente
existem.*

*Que difícil ser próprio e não ver senão o
visível!" (p. 51)*

Neste poema, é feita a crítica às conceituações abstratas do homem para caracterizar as coisas. Se as coisas possuem existência e podemos ver suas formas, porque atribuímos a elas conceitos estéticos? Caetano vai nos mostrar que é um conceito

errado dizer que uma coisa é bela, pois ao nos referirmos às coisas desta maneira, estaremos deixando de percebê-las na forma como elas nos aparecem. A beleza não é algo que pode ser julgada no mundo em si mesmo, mas sim perante o olhar humano. Entretanto, o próprio Caeiro vai admitir dar tais atribuições de beleza às coisas, e a explicação para isto é porque ele é humano e não poderia escapar a tal conceituação. A beleza é algo que existe no mundo sim porque o mundo dos homens também é uno à natureza. A boa ordenação da natureza já caracteriza uma demonstração de beleza pela natureza, mesmo que tal demonstração não seja nomeada. Não existe a imperfeição na natureza, porque esta da mesma forma não tem como ser perfeita. Ela apenas é e não necessita de tais diferenciações para existir. Mas o humano é um animal capaz de tais julgamentos de valores, e nisto é capaz de caracterizar beleza no mundo. Quando Caeiro nos diz: “Que difícil ser próprio e não ver senão o visível”, ele se esquece que para o humano a beleza não é algo invisível, mas participa ativamente da visão deste. A beleza é facilmente visível pelo seu esplendor, podendo ser rapidamente absorvida pelos sentidos, e sendo a visão a mais aguda das sensações para captar a beleza.

Platão possui um projeto metafísico, em que a organização do sensível se deve dar através do inteligível. Portanto, nada mais importante do que a contemplação das ideias. Dentre todas as ideias existe aquela que para Platão é superior a todas as outras, e esta seria a ideia de belo. A beleza para ele seria a ideia que mais brilha, seria aquela que mais facilmente nos é percebida pelos sentidos, “a ponto de ser a mais evidente e a mais digna de ser amada” (*Fedro*, 250d-e). O belo na Grécia de Platão tinha uma ligação direta com o bem e, portanto, a concepção estética de Platão envolvia o belo como útil e bom para a *pólis*.

Aqui se pode perceber a importância dada por Platão para a cidade e aqueles que fazem parte desta, assim como o papel do belo dentro da concepção ética da cidade. Ser filósofo para Platão é ter uma postura perante a vida, é transformar, ser capaz de através de uma experiência com o mundo conseguir atingir um nível superior do pensamento. A filosofia na Grécia, não se encontra separada da vida. O objeto de *Eros* (Amor) é o belo; e é através de *Eros* que o sensível caminha para o inteligível.

O amor é amor de algo, e que está o tempo todo desejando, e quem deseja, deseja algo que não possui. *Eros*, portanto, estaria em constante falta, e esta falta seria a falta da beleza. *Eros* não pode ser o mais belo dos deuses, pois se assim fosse, não desejaria o belo. Sócrates através do diálogo com Diotima de Mantinéia¹², caracterizaria o verdadeiro *Eros*. Este não seria um deus, mas sim um intermediário entre os mortais e os imortais. Ele seria filho de Poros (Recurso) e Penia (Pobreza) e teria sido gerado no dia do nascimento de Afrodite. Desta forma, possuiria as características tanto de um como de outro. Sendo sempre pobre está longe de ser delicado e belo, mas possuindo também heranças do pai, e sendo servidor de Afrodite, está sempre a procurar a beleza. *Eros* seria um gênio, um daimon, que serviria de intermediário entre os humanos e os deuses. “Interpreta e leva para os deuses o que vai dos homens, e para os homens o que vem dos deuses, [...] colocado entre ambos, ele preenche esse intervalo, permitindo que o Todo se ligue a si mesmo” (*Banquete*, 202e).

Eros seria um amante do belo, seria um filósofo, um amante da sabedoria, encontrando-se entre os sábios e os ignorantes. Seria um ser desejante, que tenta suprir a sua falta através da busca do belo. O belo tem uma referência direta com o bem,

¹² Este diálogo se dá no *Banquete* de Platão. 201d-212c.

e, portanto, o amor seria também o desejo do bem. Atingir o bem seria atingir a felicidade, e nisto aquele que ama estaria sempre no desejo de posse eterna do bem. O bem é a ideia de principal valor para Platão, e ele colocará através de Sócrates a necessidade que o amor tem de alcançar está ideia máxima. A beleza seria aquilo que levaria o amante a desejar o amado e nisto haveria necessidade de gerar no belo. A procriação seria a forma encontrada pelos mortais de atingir a imortalidade. Seria a procriação aquilo que permitiria a criação, não só do corpo, como também da alma. Os filhos que assim fossem gerados continuariam a vida como uma verdadeira extensão permitindo que o mortal se torne imortal. Estes filhos podem ser tanto aqueles gerados com uma mulher, como aqueles gerados da alma, através da sabedoria, que permitiria a geração de obras como poemas, discursos e, principalmente, virtudes.

Eros a rigor na Grécia era um desejo muito forte, era desejo sexual; no entanto, em Platão *Eros* vai tomar uma dimensão pedagógica. Será através do amor que se dará os ensinamentos da alma através da busca do Belo. A beleza é a verdade, tamanho é o seu brilho para Platão, e ser virtuoso e conhecer a verdade é se aproximar dos deuses. O *Eros* virtuoso é bom para a *polis*, e será por isso que os melhores filhos gerados no belo serão as virtudes. O embate de dois discursos feitos com amor gerará conhecimento, e por isso a dialética deve ser feita entre amigos, onde os dois irão descobrir coisas novas. Seria este o amor defendido por Sócrates, o amor entre almas. Não que o corpo não seja levado em consideração, mas é porque há muito mais beleza numa alma bela do que num corpo belo. Colocamos o poema III do *Pastor Amoroso*.

Poema III

*Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor
tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como se
visse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam, como sei que
existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte de
trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem num paladar
que se cheira.
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.
(p.80)*

O cheiro tem um maior poder do que os outros sentidos nesse poema, ao ponto de confundir os outros sentidos. É desta forma que Caetano diz sentir o perfume das flores como se visse uma coisa nova, e também como as flores “sabem-me bem num paladar que se cheira”. Porque cheirar também é ver, também é provar. É uma experimentação dos sentidos, onde o amante é capaz de pelo cheiro do amado ver e também provar este muito antes de ser possível realizar tais coisas. A visão não desperta tão bem o desejo quanto o olfato. O cheiro é fundamental para o desejo, para o gosto, pois ele tem o poder de comunicar os outros sentidos para a experiência exposta no cheiro. Antes nunca Caetano sentiria prazer no perfume das flores, mas o perfume das flores era algo que ele sabia existir, apesar de não saber senti-lo. Ele via as flores, sem que com isso se desse conta do perfume delas; mesmo sabendo que o perfume existia não era capaz de percebê-lo.

Quando ele diz: “Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.”, poderia ser uma referência ao intelecto que

agora é capaz de perceber o cheiro das flores, ou talvez, num avanço, poderia significar cheirar pela parte de trás da cabeça. Cheirar a cabeça do amado ao abraçá-lo, e desta forma cheirar a parte de trás da cabeça dele, um dos lugares onde o cheiro fica mais impregnado, fazendo o contato físico através do cheiro.

4

A ilusão do amor

“Você lamentará que a beleza de um instante tenha se esgotado tão rápida e facilmente, que ela tenha brilhado de forma tão ilusória e inútil na sua frente – lamentará até mesmo não ter tido tempo de amá-la...”

- Dostoiévski

“Nada é mais belo do que aquilo que não existe”.

- Paul Valéry

“E mesmo assim era feliz, pois a felicidade [...] não é ser amado; isto é uma satisfação misturada com asco para a vaidade. A felicidade é amar e talvez colher pequenas aproximações ilusórias da pessoa amada”.

- Thomas Mann

Estamos a falar do amor e de tudo que ele traz junto dele, mas agora devemos nos perguntar: o que é o amor? Será ele real, algo que podemos viver, ou não passará de uma ilusão criada pelas sensações e que, de fato, não existe? Não é algo fácil de ser pensado, já que envolve muito mais do que o mero pensamento. A emoção é a principal condutora do amor, e se o amor fosse colocado como uma ilusão, teríamos também que admitir que o que sentimos não passa de uma construção ilusória dos sentidos.

Já pudemos verificar anteriormente que o amor é uma

falta de algo, e também admitimos que esta falta é, em principal, a beleza. O amor sempre está a procurar o belo, já que ele sempre exalta os sentidos. O humano é um ser contemplador de beleza, mas a beleza nem sempre aparece da mesma forma aos olhos de todos os humanos. Explicamo-nos: muitas vezes o que um acha bonito o outro não acha, criando uma diferenciação nas concepções pessoais de beleza; e o causador de tamanhas diferenças seria o gosto.

Sendo o gosto algo pessoal, não há como nos prendermos a uma beleza única e também nem saber o que é o belo, já que este se alteraria de acordo com o olhar de cada pessoa. Amar o belo seria simplesmente amar uma sensação pessoal e intransmissível, já que o gosto é algo que nos é individual. Mas esta individualidade que nós experimentamos pelos sentidos seria suficiente para classificarmos o amor como uma ilusão? Vejamos o poema XXIV do *Guardador de Rebanhos*.

Poema XXIV

*O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se
houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?*

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.*

*Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma
vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele
convento*

*De que os poetas dizem que as estrelas são
as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas aonde afinal as estrelas não são senão
estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas
e flores. (p. 49)*

Percebemos uma defesa feita por Caetano dos sentidos como o que eles são, e não como uma ilusão como muitos julgam. Segundo ele, quando vemos devemos estar a ver e não a pensar. A ilusão é criada pelo pensamento ao pensar sobre os sentidos. De que nos serviria ver, se ver não significasse ver? O amor se dá numa relação entre o amante e seu objeto, e o que este tem a transmitir para àquele.

Por outro lado, a experiência que se dá não é unicamente numa relação individual, mas também numa relação coletiva. A cultura é um fator predominante na escolha daquele que se deve amar. Pois é através desta que é criado um padrão estético de beleza o qual devemos aceitar como sendo aquele que corretamente devemos seguir. Será este padrão de beleza que o amor será direcionado a amar e somente este passará a ser aceito.

Nenhum amor é original. A cultura de massa é uma máquina de apontar o desejo: é isso que deve interessá-lo, diz ela, como se adivinhasse que os homens são incapazes de encontrar sozinhos o que desejar (Barthes, 2003, p. 222).

O amor nos aparece induzido por uma cultura que o tempo todo nos diz o que e como devemos amar. Uma padronização do belo nos é imposta, o que lhe garante um papel importantíssimo na sociedade: servir de modelo. O modelo tem como objetivo ser aquele que por todos deve ser admirado, já que é

este que possui a beleza, e, portanto, todos devem procurar ser como ele, amando-o e servindo-o. Numa sociedade de consumo isto é bastante explorado, pois a partir do momento em que passamos a ter um modelo, já podemos padronizar todo tipo de produto para a massa, cabendo a massa se adequar ao produto e não o contrário.

O modelo se torna príncipe, reinando soberano sobre todos os outros por ser o possuidor da beleza. Mas por outro lado, o modelo também se torna prisioneiro de sua própria beleza, já que nunca pode deixar de ser belo e deve fazer de tudo para conservar sua beleza e satisfazer a constante demanda que sofre. É como fazer um pacto com o diabo, como nos mostra Oscar Wilde ao nos apresentar seu personagem Dorian Gray que deu sua alma para em troca poder ser eternamente jovem e belo (Wilde, 1972, p. 38).

A beleza envolve tanto o físico como o moral, sendo, no físico, a marca presente dos sentidos que desfrutam da beleza pelas sensações, e, na moral, os aspectos sociais e culturais do ser humano. Ambos envolvem o sentimento amoroso como fator determinante para o desenvolvimento de regras sociais para o relacionamento. Rousseau faz uma equiparação entre a maneira de agir do homem natural e do homem cultural, e como estes dois fatores, físico e moral, são diferentes na concepção do gosto.

Começemos por distinguir o moral do físico no sentimento amoroso. O físico é esse desejo geral que leva um sexo a unir-se ao outro; o moral é o que determina tal desejo e o fixa exclusivamente num único objeto, ou que, pelo menos, lhe propicia um maior grau de energia para esse objeto preferido. [...] Sendo esse sentimento fundamentado em

certas noções do mérito ou da beleza que um selvagem é incapaz de ter, e em comparações que ele é incapaz de fazer, deve ser quase nulo para ele. Porque, como seu espírito não pôde formar ideias abstratas de regularidade e de proporção, seu coração também não é suscetível dos sentimentos de admiração e de amor que, mesmo sem que o percebamos, nascem da aplicação dessas ideias. Ele ouviu unicamente o temperamento que recebeu da natureza, e não o gosto que não pôde adquirir (Rousseau, 2002, p. 194-195. Grifos nossos).

O amor não se trata de uma ilusão conforme pode a muitos parecer, pois envolve fatores físicos gerados nos sentidos que o caracterizam como real. Mas aqui através dos dados levantados afirmamos: o amor é uma construção. E mais, faz parte apenas do universo humano, não sendo encontrado na natureza, já que o humano é o único capaz de admirar o belo. É necessário, portanto, que haja fatores sociais e culturais para a existência do amor. Quando há apenas fatores físicos, estes levam ao desenvolvimento do desejo de um relacionamento sexual, e este por si só é incompleto para caracterizar a existência do amor. Somente através das concepções morais é que este desejo passa a ser direcionado para um desejo da beleza e as implicações do gosto.

Muitos ainda continuam a afirmar que não se ama apenas o belo, já que este não é necessariamente o mesmo para cada pessoa. No entanto, a necessidade de colocar o belo como algo relativo já nos leva a acreditar que o belo continua a ser o fator de busca do amor. Dizer que o objeto amado sempre emitirá alguma beleza ao amante, seja através de outros atributos que não a beleza bruta imediata, é afirmar a procura do belo no amor. Quando o amante admira o amado no que for, tornando-o belo para si, mesmo que outros não o achem, é amar o belo.

Pois o belo não nos é somente o empírico imediato, mas também o subjetivo. A relação intersubjetiva que se dá entre o amante e o amado é em sua decodificação uma admiração de beleza. Afir-mamos ainda, que o amante sempre está na tentativa de apro-ximar o amado do modelo cultural existente, porque é a partir do modelo que todo desejo é fixado. O modelo é o paradigma máximo para a concepção do belo, e é partindo dele que todas as outras caracterizações de beleza serão possíveis, sejam feitas diretamente, ou por comparação, crítica ou opinião.

Falar do gosto e da individualidade do belo é também perceber que para que haja diferentes concepções de beleza é necessário antes saber que existe a beleza. Mesmo a beleza sendo caracterizada por gostos diferentes, é preciso entender que mesmo que X ache Y bonito e W não ache, ambos entendem que se está falando de beleza. Não é o não gostar de algo que vai descaracterizar este algo como existente. Para que possamos falar das belezas mundanas e relativas é preciso antes que exista o conceito de beleza; e este se caracterizará em Platão como a ideia de beleza. A ideia de beleza existe em si mesma independente de qualquer outra beleza e em nada se modifica quando as outras mudam. Reconhecer a ideia seria encontrar uma forma única em vários elementos diferentes. Da beleza máxima todas as outras belezas irão participar, apesar dela mesma não fazer parte de nenhuma. E é através desta beleza, que transcende o físico, que é permitido entender todas as outras belezas e como todas estas fazem parte daquela. O que aparece como belo no mundo dos sentidos participa da ideia de beleza.

O problema é quando ao invés desta beleza máxima se tem um corpo como modelo. É nisso que se formam as juras eternas de amor, os amores infinitos e todas as demais doen-

ças que vem advindas de uma idolatria a algo esgotável. Pois o corpo é algo que não dura e, portanto, suscetível a logo se esgotar, e desta forma, afastar todos os outros da contemplação da beleza em si mesma, esta sim eterna e imutável. Somente através da busca desta beleza é que se é possível atingir o estágio mais alto da alma e transcender em busca do amor maior e eterno. Coloco agora o poema IV do *Pastor Amoroso*.

Poema IV

*Todos os dias agora acordo com alegria e
pena.
Antigamente acordava sem sensação
nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que
sonho
E posso estar na realidade onde está o que
sonho.
Não sei o que hei-de fazer das minhas
sensações,
Não sei o que hei-de ser comigo.
Quero que ela me diga qualquer coisa para
eu acordar de novo.*

*Quem ama é diferente de quem é.
É a mesma pessoa sem ninguém. (p.81)*

Amar é estar apto a sonhar. O sonho é mundo de possibilidades que tenta de alguma forma intervir no real. É a eterna briga entre a “realidade” e aquilo que chamamos “o possível”. O possível é tudo aquilo que podemos imaginar como uma alternativa ao real. São os nossos sonhos aquilo que pensamos com tanta convicção que chega a parecer real. No entanto, tudo isto é esmagado pelo real. Todo o belo sonho que se pode ter é logo destruído pelo real, esse “vilão” que não nos permite ter aquilo que desejamos. O real trata de destruir toda e qualquer possibilidade construída pelo sonho.

“O real ocupa todo o espaço e reclama para si toda a admiração, enquanto o possível, como coisa não-realizada, é somente um esquema, uma suposição” (Mann, 2000, p. 214). No entanto, “o possível existe, embora o seja somente como fato de nossa imaginação e desejo” (Mann, 2000, p. 214). O “eu” só pode querer depois que tiver poder, o que inverte claramente o ditado popular para *poder é querer*. Só se pode desejar depois que existe um poder para isto, do contrário este querer nada representa.

Assim é sonhar, seja dormindo ou acordado. E isso torna o sonhador sozinho. Pois ninguém o acompanha em seu sonho. O real trata de isolar o sonhador, não possibilitando que este possa trazer seu sonho para a realidade. E o que quer todo sonhador é ser acompanhado em seu sonho para a construção deste no real.

5

Comunicar e sentir

"É tudo o que se sente directamente traz palavras suas."

- Alberto Caeiro

"Esse mundo não existe, é preciso criá-lo como a fênix"

- Cortázar

Há no mundo uma complexidade comunicacional. Muito se fala da comunicação, muito se diz da sua expansão, quando na verdade ela não ocorre. Apesar de todos os meios difusores de sinais, como jornais, revistas, publicidade, fax, celular, computadores entre outros, que não são capazes de efetivar o ato da comunicação. Esse excesso acaba por tornar a mensagem redundante e desta forma nada diferente passa ao seu receptor. Há uma ideologia do consumo, que torna o comunicar um imperativo, uma ordem, sem alguma capacidade de questionamento, causando uma verdadeira massificação de opiniões.

Em uma sociedade de informação, que utiliza os mesmos meios, passam pelos mesmos lugares, compram as mesmas coisas e vibram as mesmas festividades, pouco se comunica. As pessoas pronunciam-se apenas pela repetição, sempre as mesmas falas, tornam-se mudas, cegas e surdas, fechadas num mundinho só, incomunicáveis. A solidão existente de uma pessoa, cercada por diversas outras solidões, numa completa incomunicabilidade entre elas. Como nos mostra Gabriel García

Márquez em seu livro *Cem Anos de Solidão*, a solidão está nas diversas relações entre os homens sejam elas de amor, ódio, paixão ou amizade. Ela está presente até mesmo quando parecemos rodeados por várias pessoas, em uma verdadeira *solidão partilhada*. Pois a comunicação não é algo facilmente realizável, ela exige situações particulares, talvez até mesmo íntimas, de captar (e sentir) aquilo que o outro tenta nos transmitir.

É aqui que se deve dividir a Comunicação em dois pontos. O primeiro é o usual, aquele para todos colocados: há comunicação na mera difusão de um sinal. O segundo nos diz que não há comunicação efetiva enquanto nosso sentimento continuar intransmissível. Analisemos estes pontos.

Do primeiro pode-se colocar o velho sistema da comunicação: há um emissor (Z1) que transmite uma mensagem por um canal, esta é interpretada por um receptor (Z2) e daí surge o sentido (Z3), esta é a dita relação intersubjetiva entre os seres. Até aí não há nenhum problema. A transmissão de um sentido não depende apenas do que fala, e nem de quem recebe, mas sim da relação entre os dois, criando o entendimento. Este entendimento não é algo profundo que penetra nas ideias ou sentimentos do outro, mas uma mera condição técnica para continuar a conversar. A língua, aqui, é utilizada apenas como informação e nada mais faz do que transmitir informação. “É precisamente esta concepção corrente da língua que se vê não somente avivada pelo fato da dominação da técnica moderna, mas reforçada e levada exclusivamente ao extremo” (Heidegger, 1995, p. 33).

Aqui começa nosso problema. Em um mundo onde os meios de comunicação atingem milhares de pessoas de uma só vez, não há troca entre elas. Apenas há imposição de sinais

vinda dos meios, sobre aqueles que recebem. A mensagem se repete cada vez mais, não há mais o que o que ser dito, independente de se usarem outras palavras, o contexto é o mesmo. Dessa relação macro do mundo pode se colocar as relações micro. As pessoas ao se falarem não dizem mais do que o comum, as mesmas frases, as mesmas falas. É o “bom dia” de sempre ou o “oi, tudo bem?” que nada significam. A conversa se torna uma coisa maçante, que torna as relações entre os indivíduos cada vez mais medíocres. Um ruído se instala no diálogo, não há mais o que se passar ao outro, neste caso, o ruído é a redundância. A mensagem do “eu” não chega ao outro, justamente por utilizarmos cada vez mais das mesmas falas. Torno-me incomunicável apesar de estar o tempo todo tentando me comunicar. Assim dão-se as relações no mundo, cada vez mais o dito diz cada vez menos. “Quem quer que seja pode falar sem cessar e a sua palavra não dizer nada. Um silêncio, pelo contrário, pode dizer muita coisa” (Heidegger, 1995, p. 34).

Os veículos de comunicação massificaram todas as relações entre pessoas. Tudo já está programado, não há mais o que se dizer. O solipsismo foi instalado e com ele o fim da relação de troca entre os humanos. Não existe mais o sentir, pois este já está pré-determinado pela sociedade. O que sentimos se tornou algo traduzível pela linguagem, imóvel. Os sentimentos, algo individual, em constante mudança, tornaram-se palavras fixas e determinadas. Constatamos um medo de sentir, de expor aquilo que se sente, uma coerção ao sentimento. É nesse medo de dizer ao outro o que realmente se sente, que nos impedimos de comunicar; é onde se instala o ruído que impede que possamos transmitir ao outro o nosso interior, algo verdadeiramente original.

Para que haja troca é preciso que se consiga vencer a barreira imposta pela redundância, onde seja possível transmitir não só palavras, mas também sentimentos. Onde o pensamento se torna uno ao sentir e o sentimento se torna uno ao pensar, e não uma formação imposta por outros. Somente assim as palavras trarão um sentido seu no mundo. Uma língua que só transmite informação se torna vazia e muito pouco comunicativa. Como a crítica apresentada por Heidegger:

É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações formais que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o caráter próprio da língua, o dizer como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato. (Heidegger, 1995, p. 37)

Devemos agora apresentar o segundo ponto da comunicação. É neste que dizemos que só há comunicação efetiva quando há transmissão de sentimentos. Nisto, é preciso que o receptor consiga transmitir o que sente e o receptor esteja apto à recepção deste. Do contrário, não há como se ter a comunicação plena. Com adveio da língua técnica acabamos por nos tornar prisioneiros da linguagem. Tudo deve antes passar por ela. Não há como se transmitir algo sem utilizar a palavra. A realidade da palavra é absorvida por sua função de signo. Tudo acaba por se tornar signo para o homem. Toda a relação social deve passar pela palavra, ela é detentora da realidade do homem. Pensar isto é reduzir a língua apenas a produção de sinais, ao envio de mensagens. A palavra não é, no entanto, substituta dos signos ideológicos, ou dos gestos humanos, assim como ela não pode substituir o sentimento. Não existe um substituto verbal adequando para o sentir. “Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grosseiros” (Bakhtin, 1999, p. 38).

O sentir veio antes da palavra. A partir do momento que o ser humano passou a falar, tudo mudou. Todo o tipo de sentir, toda a colocação do pensar passou a só existir através da palavra. Há um desaparecimento do humano em proveito da linguagem, e ele passou a ser representado apenas como signo. A agressão que a língua técnica exerce sobre o caráter da língua é na verdade uma agressão contra a própria essência humana. O homem não é só um ser da palavra, mas é esta que permite que ele seja o que é. No entanto, a técnica tem uma necessidade de tornar a língua unívoca, pois é através dessa univocidade que é assegurada a possibilidade de uma comunicação certa e rápida. No entanto, cada tentativa de tornar a língua unívoca através de uma formalização num sistema de sinais, pressupõe o uso da língua natural.

A língua ‘natural’, quer dizer, a língua que não foi por princípio inventada e imposta pela técnica, é sempre conservada e permanece, por assim dizer, como pano-de-fundo de toda a transformação técnica. (Heidegger, 1995, p. 40)

A língua natural aqui apresentada não é uma negação do ser falante que é o homem, pois, “é enquanto ser falante que o homem é homem” (Heidegger, 1995, p. 30), mas deixar claro que pela sua condição inerente a fala, toda e qualquer relação com esta irá afetá-lo diretamente. Cabe a tradição uma outra apresentação do mundo para que aí se chegue ao aparecer do ainda-não-apercebido, que permita-nos um outro contato com as palavras, numa outra maneira de ser. “Ora eis aqui a missão dos poetas” (Heidegger, 1995, p. 40). É pensando nisso que colocamos o poema XLVI do *Guardador de Rebanhos*.

Poema XLVI

*Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com
misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa
feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me
acontecesse
Como dar-me o sol de fora.
Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.
Nem sempre consigo sentir o que sei que
devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar
atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o
fizeram usar.
Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar
que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os
sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções
verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto
Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza
produziu.
E assim escrevo, querendo sentir a Natureza,
nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais
nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora
errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como
um cego teimoso.
Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo*

*Porque trago ao Universo ele-próprio.
Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe veem as pontas dos
dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos. (p. 72-73)*

Podemos constatar neste poema a palavra como uma manifestação direta do sentir. Em uma forma simples, sem precisar do pensamento, que tanto está condicionado pela sociedade, como corredor para se expressar. O homem no seu contato com a natureza, apenas sentindo-a e nada mais. Caeiro que em tantos outros poemas exaltou a visão como uma necessidade, admite aqui o cego como um caminho correto a ser seguido. O cego aparece como aquele que não aceita o que de imediato lhe aparece, mas é aquele que vai experimentando por outras formas. O cego não aparece numa relação direta de não ver, mas sim para demonstrar que um caminho não deve ser percorrido de uma só maneira. Existem outras formas de ver, de sentir o mundo. Caeiro com sua exaltação das sensações nos oferece uma outra forma para a palavra, que não passa necessariamente pelo pensamento. Ele não nega a palavra como algo inerente ao homem, mas apenas nos dá a possibilidade de usá-la de maneira diferente. A *ideia* que aparece no poema não aparece como uma manifestação do pensar, mas antes do sentir. Caeiro nos mostra o quanto nossa maneira de pensar é induzida, o quanto nossos sentimentos antes mesmo de podermos senti-los são construídos e fixados pelo pensamento. Um pensamento que não é nosso, mas antes de alguém que nos apresentou a ele. E por isso mesmo, nossa relação com o mundo se passa de maneira mais lenta, quando se fosse feita pelas sensações

nos seria mais rápida, e passaria diretamente. É para combater esta fixação do pensar que Caeiro vai defender o desaprender, a mudança da maneira de ver o mundo, mesmo que precisemos nos tornar cegos, pois esta cegueira nos possibilitará ver muitas outras coisas, tornando aqueles que veem os verdadeiros cegos do mundo. Pois o cego é uma convenção que nos é imposta, que nenhuma relação tem com o ver. As emoções verdadeiras, estas sim nos são próprias. É através delas que Caeiro nos propõe uma outra maneira de falar, que permita ao homem se relacionar diretamente com o mundo em que vive.

Ver é assistir de dentro de nós à ruptura, à fissão do mundo, e reencontrar todos os aspectos do ser, como se este se duplicasse sobre si mesmo, fechando-se sobre um de seus pontos, com a interioridade voltada à exterioridade e vice-versa. Interioridade que sente e exterioridade sentida abrindo-se ambas, uma à outra, sem ruptura ao longo desta emenda que é o ser no mundo. (Marcondes Filho, 2004, p. 80)

É pela necessidade de expressar suas paixões que o homem é levado a razão, a querer colocar o que se sente em palavras. Não é a existência da palavra que permite expressar o que sentimos, mas é antes o sentimento em seu sentido pré-linguístico que nos leva a falar. A palavra vem nos remeter às nossas experiências vividas e não para apresentar a experimentação destas.

[...] o entendimento humano deve muito às paixões, que, segundo uma opinião geral, lhe devem muito também: é pela sua atividade que nossa razão se aperfeiçoa; só buscamos conhecer por desejarmos usufruir, não sendo possível conceber por que aquele que não tivesse desejos nem temores se daria o trabalho de raciocinar. As paixões, por sua

vez, originam-se de nossas necessidades, e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas conforme as ideias que se pode ter delas, ou pelo mero impulso da natureza. (Rousseau, 2002, p. 175)

A linguagem modifica de acordo como experimentamos o mundo, ela não se reduz a mera transposição do mundo em signos como quer a linguística, mantendo-se no plano de uma realidade esquemática e arbitrária. Tal realidade só tende a caminhar para o indizível, pois

[...] esse mundo em que tudo é signo e linguagem é o mundo lógico, instituído, jogo de convenções que existe, em realidade, para encobrir um outro, sutil, indireto, sub-reptício, pouco conhecido e explorado, ambiente de ar rarefeito em que a comunicação tenta sobreviver apesar de tudo. (Marcondes Filho, 2004, p. 72)

A comunicação seria muito mais extensa e genérica do que a linguística; e a língua é apenas uma de suas manifestações. Segundo o dicionário de comunicação, a *linguagem* é “qualquer sistema de signos (não só vocais ou escritos, como também visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc.) capaz de servir à comunicação entre os indivíduos” (Barbosa; Rabaça, 2001, p. 430). No contexto presente não conseguimos alcançar os outros, não passamos o que sentimos, pensamos ou vivemos. Em suma, tornamo-nos incomunicáveis. “Sem dúvida, incomunicáveis para a língua disponível. [...] A linguagem é na verdade muito mais ampla, mais complexa, mais profunda do que pretende a vã linguística” (Marcondes Filho, 2004, p. 72). Ela não é um simples meio ou instrumento, mas se dá numa relação viva com o mundo, onde o interior se encontra com o exterior, onde a subjetividade

se encontra expressa na objetividade, onde eu sinto a presença do outro em mim e de mim no outro. No entanto,

há tantas coisas que sente e as palavras são tão pobres, estão aquém, infinitamente aquém da tradução de todo esse mundo interior. As palavras só repassam um rastro, uma imagem apagadiça do que sentimos e pensamos. (Marcondes Filho, 2004, p. 95)

Se pegarmos como exemplo o corpo veremos uma situação dúbia. Pois ele passa (ao mesmo tempo) aquilo que nós não queremos passar, como aquilo que queremos, mas não sabemos se de fato passa. É o chamado *Paradoxo da Comunicação* (Marcondes Filho, 2004, p. 96). Entendemos que o paradoxo indica que quanto mais comunicamos, menos comunicamos. Ou seja, a comunicação é, de fato, impossível quando não há harmonia sentimental entre emissor e receptor. Sentimentos diferentes tornam impossível o comunicar. Tudo que eu falo para o outro não é entendido, pois não é sentido pelo outro. A mera transmissão de sinais não é indício de que somos entendidos no que queremos transmitir. Se não fosse assim, não haveria tanta dificuldade de entendimento entre pessoas. Quanto mais pobre a comunicação, pior a capacidade de entendimentos entre as partes envolvidas. Peguemos os exemplos das mensagens trocadas em aplicativos de mensagens (*WhatsApp, Signal, Telegram* etc.): quanto mais profunda a conversa, maior a chance de haver dificuldade de entendimento entre as partes. Daí o motivo para tantas brigas e males entendidos. Muitas vezes uma conversa presencial, feita com escuta ativa, resolveria essas dificuldades.

Segundo Marcondes, existe a *comunicação formal*, que seria teatral, masculina, viciada e pobre, pois trabalha com a

linguagem sígnica, significante e convencional; e também existe a *comunicação real*, que teria uma sensibilidade feminina para captar a fala não-linguística.

O signo não pode transmitir tudo que ocorre no real. Implica inclusive em diferenças culturais. Em determinadas línguas existem palavras únicas para explicar algo, não encontradas em nenhuma outra língua e vice-versa. Um bom exemplo é a palavra *saudade* do Português. “Saudade” é algo muito maior do que um simples “miss you” do Inglês. Mas somente pela utilização de palavras não há como captar o seu total sentido, pois “saudade” sempre parecerá ser algo maior do que “miss you”. No entanto, se pegarmos como exemplo duas pessoas que há tempos não se veem, numa situação de reencontro e primeiramente ao se abraçarem dizem: “Senti saudade”, perceberemos o mesmo quando dizem: “I missed you”, porque existe todo um sentimento que vai além da colocação de um signo, e por mais que “saudade” pareça maior que “miss you”, em nada se diferencia num encontro afetivo de pessoas. Porque o importante, no caso, não é o que eu digo ou de que forma minha ação será representada, mas sim o que eu sinto no que digo. Esta seria uma incapacidade do signo, uma incapacidade de tentar representar de forma total um sentimento. A comunicação implica algo muito além da linguagem.

Este algo além seria a busca de um processo efetivo de transmissão, em que não apenas se emitam sinais, mas que se sinta efetivamente o outro, se participe com ele num mundo único que se captem sentidos exclusivos e irrepetíveis. Para isso é preciso entender que a comunicação humana serve-se tanto do que possuímos de explícito como também do implícito. “Ela não funde duas pessoas numa só, pois é impossível que o outro

me veja a partir do meu interior, mas é o fato de ambos participarem de um mesmo e único mundo no qual entram e que neles também entra” (Marcondes Filho, 2004, p. 15).

Para isso é preciso mudar a visão que temos perante as coisas, onde o racionalismo pragmático impera sobre as atitudes do homem, e as discussões linguísticas transferem-se para uma linguagem ordinária. Nele o que importa são os resultados comprovados pela ocorrência prática, onde podemos conceber efeitos experimentais da linguagem. O homem torna-se apenas pensamento, e este só é possível em signos, operando num universo tautológico de signos que só remetem a signos (Marcondes Filho, 2004, p. 69). O pragmatismo tem o vício de tender para manuais práticos e o uso prático da linguagem sem nenhum fim maior é um dos fatores para o seu esvaziamento, o que auxilia a tamanha incomunicabilidade existente.

Não se começou raciocinando, mas sentindo. [...] Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes. (Rousseau, 1983, p. 163-164)

E é na defesa destes sentimentos, vistos normalmente de forma secundária, que escrevemos. As paixões, a emoções e tudo mais que vem do sentir foi o que deu origem a palavra. Esta, assim como o nome de tudo que viemos a conhecer, não existiria se não fosse por causa daqueles. Vejamos o que Platão tem a dizer sobre a origem dos nomes:

Eu também defendo o princípio de que os nomes devem assemelhar-se quanto possível à coisa representada; porém receio muito, de fato, [...] seja bastante precária a tal força de

atração da semelhança e que nos vejamos forçados a recorrer a esse expediente banal, a convenção, para a correta imposição dos nomes. Sem dúvida alguma, o ideal seria que todas as palavras, ou a maioria delas, fossem semelhantes, isto é, apropriadas às coisas designadas; o pior seria o contrário disto. (Crátilo, 435c-d)

Para Platão o objeto não deve ser estudado pelo seu nome, mas antes se deve conhecê-lo por meio dele próprio. O mesmo se dá com o uso da palavra, onde ele defende seu uso somente quando esta trazer a verdade, pois “a genuína arte de falar não existe, sem uma união à verdade, nem jamais pode existir no futuro” (*Fedro*, 260e). Até mesmo aquele que pretende utilizar-se da mentira, deve antes conseguir diferenciar o verdadeiro do falso já que “[...] quem se propõe enganar outro, sem se deixar enganar a si, deve discernir exatamente a semelhança das coisas e sua diferença” (*Fedro*, 262a).

A retórica implica numa psicagogia¹³, isto é, numa condução da alma. E ela para Platão deveria ser a arte de fazer os cidadãos melhores, persuadindo para o que é justo, e desta forma visando o bem da humanidade. O aprendizado não dependia apenas de algo racional, mas também deveria haver uma experiência vital que permitiria conhecer por outros caminhos e que conduziriam a alma a aprender (Pinheiro, 2004). Essa forma de viver estava colocada através do modo de vida grego, onde os conhecimentos e valores eram levados à praça pública, sujeitos à crítica e à controvérsia. Através da dialética procura-se separar aquilo que nos serve do que não serve, para que por fim possamos na junção dos discursos encontrar aquilo pelo qual nos dispomos a dialogar. É o diálogo a origem da dialética e é a

¹³ Arte de guiar as almas pelo melhor caminho.

ele que Platão se remete ao tentar encontrar a verdade, pois a busca desta vem através da conversa onde se procura investigar os pontos que por fim possam levar até ela.

Por isso não devemos comparar a um cego nem a um surdo aquele que busca com arte o que quer que seja; pelo contrário, é evidente que, se alguém quer ensinar a arte da palavra com rigor a qualquer pessoa, deve mostrar com exatidão a essência da natureza do objeto a que vai aplicar os seus discursos. E não há dúvida de que esse objeto será a alma. (Fedro, 270e)

De fato, não podemos comparar a um cego aquele que busca um conhecimento da alma. E isso de forma alguma representa uma contradição ao pensamento de Caeiro quando ele diz: “Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso” (p. 73), pois como já foi dito anteriormente esta cegueira representa uma crítica ao racionalismo que impede sentirmos a alma de maneira diferente que não seja somente pela razão. O sentir faz parte da alma e tanto Caeiro como Platão defendem o conhecimento desta, mesmo que seja por caminhos diferentes. O primeiro nos remete ao verdadeiro sentir, e o segundo ao conhecimento das coisas em si mesmas. Ambos, portanto, defendem o conhecimento da alma como algo que deve vir livre de pensamentos pré-concebidos que nos são impostos pelos costumes.

É necessário o conhecimento de cada tipo de alma para que assim se possa utilizar cada tipo de discurso, pois é função deste conduzir adequadamente aquela. Nisto se dá que para que se possa realmente haver persuasão através do discurso é preciso passar pelo conhecimento da alma e das várias especialidades que esta apresenta, já que os homens não são todos iguais. Somente através destes requisitos saberá o que deve ser

dito e o que deve ser calado. Platão defende que o conhecimento se escreve na alma, e que os discursos escritos na verdade só estão nos lembrando daquilo que já conhecemos. Algo escrito por si só nada diz, já que ele não é capaz de dizer algo diferente; mas através do escrito é possível lembrar a alma daquilo que já é conhecido por ela, pois “[...] na realidade os melhores discursos constituem um meio de suscitar a recordação em quem já sabe” (*Fedro*, 278a). A comunicação destes escritos é feita por um entrosamento da alma com um conhecimento já inscrito nela, e que só nos é possível fazer quando estamos preparados a vivenciar a leitura destes escritos.

Há, de fato, a possibilidade de uma transmissão, de uma comunicação a partir de um livro, mas, aí ela já não é um processo entre duas pessoas presentes, foge ao sentido a que nos referimos aqui de comunicação. Trata-se de uma apreensão, um conhecimento, um aprofundamento, mas derivado de uma busca pessoal. (Marcondes Filho, 2004, p. 50)

Comunicar é algo que parte da alma, e por isso mesmo implica num conhecimento dela. Todo discurso que pretende, pois, a comunicação deve conhecer a alma, partindo de um conhecimento de si para que assim possa conhecer os outros, e conseguir aproximar o seu sentir da capacidade de captar dos demais. O questionamento e a vontade de buscar algo interior liberta para uma investigação exterior, que nos leva a comunicar numa relação psicagógica, seja ela feita através do diálogo como também da escrita, pois ambos, cada um à sua maneira, nos são tentativas de passar aquilo que sentimos, e poder com isso fazer outros compartilharem deste sentimento.

Há um momento no processo comunicacional em que há o estalo, há o impacto de quem constata o 'a-ha', um momento em que o outro enfim percebe, sente o que estou dizendo, entende, vive como eu, complementa o que eu dizia, participa desse mesmo mundo. Somos arrebatados, misturamo-nos no outro. Operou-se aí uma mudança qualitativa em nós, fomos comunicados". (Marcondes Filho, 2004, p. 100)

Acreditamos que um desses momentos se dá no *amor*. Não qualquer tipo de amor, mas aquele que permite num encontro de casais também um encontro de almas. Aquele que quando estamos afastados do amado nos leva a sentir sua ausência, e nos momentos que estamos juntos é como se estivessemos completos. É este amor que nos leva a querer comunicar, mesmo que não seja através da palavra, mas sem deixar de fazê-lo. E para complementar isto colocamos o poema V do *Pastor Amoroso*.

Poema V

*O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio. (p. 82)*

Nesse poema percebemos a elevação do amor como uma busca por algo que nos satisfaça, por algo que nos acompanha mesmo na ausência do amado. Quando se está sozinho a caminhar pelos cantos, logo se pensa naquele que se ama; e se não se tem a presença do amado, pelo menos se tem sua companhia na ausência, já que o que antes era preenchido com a presença passa a ser preenchido com a falta. A ausência se torna presente. E o que é uma companhia? O que significa estar acompanhado? É essa relação direta que Caetano faz com o amor. “O amor é uma companhia”, pois “já não sei andar só pelos caminhos”. “Porque já não posso andar só”. Já não há como andar só porque há uma companhia que me acompanha aonde quer que eu vá. Por isso o amor é pensar, pois o pensamento se torna um com o sentimento, de maneira que “mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo”.

É o amor que nos leva a sentir saudade mesmo quando estamos apenas segundos afastados, pois a saudade não é algo que possamos medir. A saudade é imensurável: ou sentimos ou não sentimos. E isto nos faz querer comunicar o tempo todo, a dar voz ao que sentimos, mesmo que não seja através de palavras.

O amor, dizem, foi o inventor do desenho; pôde também inventar a palavra, porém com menor felicidade. Pouco satisfeito com ela, despreza-a; possui maneiras mais vivas para se exprimir. Quanto dizia a seu amante aquela que com tanto prazer traçava a sua sombra! Que sons poderia empregar para traduzir esse movimento do braço? (Rousseau, 1983, P. 160)

Quando se pensa no amado nada mais conseguimos ver direito. Vê-se menos porque a imagem do amado ocupa tudo que se tem dentro de si, e isto remete também ao que vemos

do exterior, já que todo o desejo está voltado para o objeto que nos faz falta. Quando Caeiro nos diz: “Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.”. O que ele quer dizer é como pensar na amada transforma a realidade a sua volta. O girassol, dizem, tem como característica virar para onde se encontrar o sol. Ao pensar na amada tudo a sua volta perde o sentido e tudo passa apenas a significar ela. Através do pensamento a realidade toda torna-se ela, que passa a olhá-lo o tempo todo, como um girassol. E nesse momento de solidão, tudo mais se torna belo.

A solidão e a comunicação não devem ser os dois termos de uma alternativa, mas dois momentos de um único fenômeno, já que, de fato, outrem existe para mim. [...] É preciso que de alguma maneira a reflexão nos dê o irrefletido, pois, de outra maneira, nada teríamos a opor-lhe e ela não se tornaria problema para nós. Da mesma forma, é preciso que de alguma maneira minha experiência me dê outrem, já que, se ela não o fizesse, eu nem mesmoalaria de solidão e nem mesmo poderia declarar outrem inacessível. [...] O fenômeno central, que funda ao mesmo tempo a minha subjetividade e a minha transcendência em direção a outrem, consiste no fato de que sou dado a mim mesmo. (Merleau-Ponty, 1994, p. 482)

É certo dizer que o “eu” já se encontra no mundo físico já estabelecido de maneira social e cultural, no entanto, o mesmo “eu” não se limita a este mundo, encerrado como um objeto em uma caixa. A partir do momento que nossa subjetividade mudar a maneira de lidar com a objetividade, o contrário também ocorrerá. Está é a verdadeira troca, a construção de uma relação intersubjetiva. Eis como Comunicação pode se dar:

- Quando o Emissor não transmite sentimento e o Receptor não está apto a sentir:

Neste tipo a comunicação não passa da mera estrutura técnica de sinais. Nada mais.

- Quando o Emissor transmite sentimento e o Receptor não está apto a sentir:

O *emissor* transmite a mensagem fazendo passar o que sente, e desta forma, conseguindo libertar-se da situação morta dos signos. No entanto, o *receptor* da mensagem não está apto a percebê-la.

- Quando o Emissor não transmite sentimento e o Receptor está apto a sentir:

O *emissor* apenas emite uma mensagem vazia, no entanto, seu *receptor* vai além percebendo profundidade destas palavras vazias.

- Quando o Emissor transmite sentimento e o Receptor está apto a sentir:

Nesta se tem a Comunicação Plena. *Emissor* e *Receptor* se ligam de tal forma que as palavras são construídas nesta união. Na formação do diálogo o *receptor* recebe os pensamentos do *emissor* que tem como resultado o fazer pensar que nos é transmitido pelo *receptor*. A mensagem se torna uma manifestação do sentir. E o sentimento é fator primordial para resolver o paradoxo da comunicação.

É neste processo que, de fato, nos comunicamos. Numa interação das consciências, onde as palavras vão além das aparências, conseguindo interagir com o sentimento e passando-os para o exterior. Nos comunicamos quando o mais

profundo interior de nós se liberta e se faz expressar para o mundo, e o mundo em troca nos faz pensar. É o que podemos perceber na interação que Caeiro nos passa do poeta interagindo com a realidade como o olhar do girassol que ao mesmo tempo é móvel por acompanhar o sol, mas se torna fixo por escolher apenas o sol para acompanhar. O que demonstra a capacidade que a subjetividade tem de transcender aquilo que nos é simplesmente dado e atingir outrem de alguma outra maneira.

6

A loucura divina

“O amor é um mistério de Deus e deve ser oculto de todos os olhares estranhos, aconteça o que acontecer”.

- Dostoievski

“(…) pois o amante é mais divino que o amado, porque naquele está o deus, e no outro não – pensamento tão carinhoso e irônico que talvez jamais tenha sido pensado e do qual nasce toda a travessura e a mais secreta voluptuosidade do anseio”.

- Thomas Mann

“De algum modo, era como se eu me tornasse um deus pela plenitude de emoção que transbordava de mim, e as magníficas imagens do mundo infinito, agitando-se em minha alma, enchem-na de uma vida nova”.

- Goethe

“Bem, acho que é o que acho dos relacionamentos hoje. São totalmente irracionais, loucos e absurdos. Mas continuamos neles porque a maioria de nós precisa dos ovos”.

- Wood Allen (Annie Hall)

O sentimento amoroso traz consigo o mistério. A sensação de algo secreto e que devemos desvendar vagarosamente, descobrindo tudo que ele nos pode proporcionar. O mistério rodeia toda a relação onde há amor, pois é onde se procura

descobrir o outro, é onde existe a vontade de desvelar aquilo que ainda se encontra velado e saber tudo sobre aqueles que amamos. E nessa relação de troca entre o amante e o amado se encontra o divino. Deus aparece como base para a ordem dos mistérios amorosos, já que ele ainda é um mistério para o humano, algo ainda indefinível, por mais que se tente pensá-lo. A esfera sensível e humana não participa diretamente da divina. Antes é preciso algo que nos leve até deus, um intermediário onde possamos colocar nossas expectativas de alcançar a esfera divina. O amante tende a ver o amado como algo divino e perfeito, digno de ser representado como deus, já que não se consegue enxergar defeitos nele. “Pois em verdade, aquilo que amamos é, realmente, belo, delicado, perfeito e bem-aventurado” (*Banquete*, 204c). Ao olharmos apenas para o amado esquecemo-nos do amante e tendemos a classificar o amor apenas nos baseando naquele, quando na verdade é através do amante que toda a voluptuosidade do amor é desperta.

É no amante que todo o mistério se resolve, já que é através deste que deus nos aparece. “O amante é mais divino do que o amado, por estar possuído pela divindade [ἐνθεος]” (*Banquete*, 180b). Deus está no amante, por este colocar sua manifestação no amado, e com isso faz-nos parecer que o amado é divino e não o contrário. O amado é colocado como perfeito pelo amante, mas esta perfeição só existe dentro do amante, o que torna a divindade daquele apenas uma representação do imaginário deste. A tentativa de decifrar o ser amado é a tentativa de decifrar a si mesmo, pois o amado perfeito não passa da transposição do desejo do amante no objeto amado, e desta forma toda a essência divina do amado encontra-se, na verdade, no amante, pois é neste que se encontra *Eros*.

O amor aparece-nos como *manía*, uma loucura. Segue-se a descrição sobre as manifestações da loucura inspirada pelos deuses (*Fedro*, 244a-245c), da qual o amor [ἔρως] seria a quarta *manía* divina. Cada uma destas será posteriormente atribuída a uma divindade (*Fedro*, 265b). A primeira seria profética [μαντική] ligada a Apolo, a segunda mística [τελεστική] ligada a Dioniso, a terceira poética [ποιητική] ligada às musas e, por último, a erótica [[ἔρωτική] ligada à Afrodite e Éros.

Se voltarmos à linguagem do *Fedro*, podemos notar que se o amado é o médico, o amante deve ser por oposição o doente, aquele que se encontra em estado de loucura. Mas o *phármakon*, de acordo com a passagem 230d, é o discurso (*lógos*), assim dito por Sócrates:

Tu, porém, pareces ter encontrado o remédio [φάρμακον] para me fazer sair, porquanto, tal como se conduzem os animais que têm fome, estendendo-lhes um ramo ou algum fruto, do mesmo modo tu, acenando-me com discursos [λόγους] em livros, é evidente que me levarás a percorrer toda a Ática e qualquer outro lugar que queiras.

Na passagem aqui citada, podemos ver um Sócrates, que quase não saía da cidade, a percorrer um longo caminho para fora da cidade atrás de Fedro, por ter este um discurso em mãos. O objeto do *phármakon* é a alma, o que torna o discurso uma droga para a alma toda. Mas este discurso é sobre o amor, portanto, cabe que analisemos em que medida ele deve ser administrado. Segundo Kohan,

Uma maior proximidade da vida de Sócrates com o phármakon é manifesta em outros diálogos. Em uma passagem do Mênon, Mênon acusa Sócrates de tê-lo enfeitado e drogado (geoteúeis me kai pharmátteis, 80a).

Sócrates o reconhece sem problemas, apenas coloca uma condição: que se leve todos os outros ao phármakon da aporia, porque ele está mais em aporia do que ninguém. No Cármides, Sócrates é apresentado por Critias como conhecedor da droga (ho tò phármakon epistámenos, 155c) que poderá curar a dor de cabeça de Cármides (“cuidar da alma com algumas poções”, epoidaís tisin, 157a). (Kohan, 2012, p. 38)

O *phármakon*, como bem demonstra Kohan, se situa em um vocabulário muito próximo a Sócrates em seu sentido tanto de droga como de encantamento. Todo *phármakon* tem uma potente relação e função com a *phýsis* de maneira que tanto as propriedades de uma droga são retiradas da natureza, assim como o poder de um encantamento também é extraído da natureza. De modo que, em magia, se poderia dizer que a *phýsis* também é uma *pharmakís*¹⁴. Se tomarmos todo discurso amoroso¹⁵ como um *phármakon*, podemos distinguir dois tipos de Éros. O primeiro seria aquele que ultrapassa a medida do *phármakon*, se tornando um veneno e adoecendo aquele que o utiliza, como ficou representado no primeiro discurso de Sócrates. O segundo é aquele que se mantém na medida do *phármakon* e, como remédio, eleva ao estado divino a alma daqueles que o experimentam¹⁶. A medida de que falamos nos é dada pelo próprio Sócrates que, ao falar das quatro loucuras divinas, assim falará da erótica:

14 Isso está dito especificamente em Cláudio Eliano (séc. II) em seu *Sobre a Natureza dos Animais*, 2.14: “sendo assim, pode-se dizer que mesmo a natureza [φύσις], embora não ferva ninguém nem aplique drogas, como Medéia ou Circe, também é um encantamento [φαρμακίς]”. Utilizamos a edição de SCHOLFIELD, 1958. Tradução nossa.

15 Cf. *Fedro*, 227c; λόγος ... ἔρωτικός.

16 Utilizamos para éros o mesmo paralelo que se estabelece entre a *manía* na passagem 265a do *Fedro*: “Μανίας δέ γε εἶδη δύο, τὴν μὲν ὑπὸ νοσημάτων ἀνθρωπίνων, τὴν δὲ ὑπὸ θείας ἐξαλλαγῆς τῶν εἰωθότων νομίμων γιγνομένην”.

*[...] e a [quarta], a loucura erótica, considerada a melhor de todas, e não sei de que jeito, ao nos representarmos a emoção amorosa, atingindo, sem dúvida, por vezes, a verdade, como também nos afastando dela, encaixamos um discurso não de todo carecente de persuasão, uma espécie de hino mítico, na medida e piedoso, em louvor de Éros, ó Fedro, nosso comum senhor e protetor dos belos jovens. (Fedro, 265b-c)*¹⁷

Sócrates reconhece o Amor como uma dádiva divina, afirmando ser ele a mais excelente *manía* (Fedro, 265b) e, para isso, vai utilizar-se de uma linguagem religiosa para expressar este reconhecimento. Éros, a rigor, para o grego da época estudada, significa “desejo sexual”, mas em Platão terá outros significados além deste¹⁸. O amor encontrar-se-ia nesta última e seria uma loucura que nos é dada como uma *dádiva divina*. Recebemos o deus como um hóspede que vem nos visitar. Segundo Benveniste:

[...] a hospitalidade se esclarece em referência ao potlach [essa troca de dádivas analisada por Marcel Mauss em ‘Essai sur le don’] do qual ela é uma forma atenuada. Ela se fundamenta na ideia que um homem está ligado a um outro (hóstitis sempre tem um valor recíproco) pela obrigação de compensar uma prestação particular da qual se torna beneficiário. (Benveniste apud Gagnebin, 2009, p. 20)

O amor é esse hóspede divino que devemos receber com todas as honras. Ao tratarmos da relação amante e amado, devemos entender que as trocas feitas entre amante e o amado

17 As modificações e os grifos na tradução são nossos.

18 Para maiores detalhes ver Ferrari, 1992, p. 269, nota 1; “É certo que *eros* equivale ao nosso ‘amor’ apenas em contextos onde o desejo sexual é apropriado; mas não é – pelo menos não em todos os contextos – simplesmente equivalente ao ‘desejo sexual’. As experiências de *eros* descritas no *Banquete* e no *Fedro* são manifestamente experiências de apaixonar-se e estar apaixonado”.

devem ser recebidas com respeito e não recusadas. A recusa é uma ofensa que se faz, pois o não querer compartilhar fere o princípio da dádiva como bem ressaltou Gagnebin:

A troca, como ressalta Mauss, não precisa ser econômica, não precisa consistir em presentes materiais, mas ela é altamente simbólica; ela pode também ser 'troca de formas de polidez, de festins, de ritos, de favores militares, de mulheres, de crianças, de danças etc.'¹⁹. Sua característica é a de parecer espontânea, mas deve obedecer a um sistema de obrigações muito estrito que se transmite de geração a geração. Recusar a troca ou sua continuação significa recusar a aliança, portanto, declarar guerra. (Gagnebin, 2009, p. 20. Grifos nossos)

A troca faz parte da tríade da dádiva, exposta por Marcel Mauss em sua obra, em que o dar, o receber e a reciprocidade caminha juntos. Amamos por sermos loucos, tornamo-nos maníacos eróticos, e não desejamos deixar de sê-los, pois a loucura não é um mal, mas sim uma inspiração divina que toma conta de todo o nosso desejo e nos faz realizar os maiores benefícios, pois quando temos Éros como hóspede, queremos compartilhar todos os melhores bens com o ser amado.

[...] a loucura, segundo testemunham os Antigos, é mais bela do que a sabedoria: aquela vem dos deuses e esta é fruto dos homens (Fedro, 244d).

A quarta *manía* divina é a inspiração dada por Éros aos amantes. São estes que são possuídos pelo divino conforme podemos verificar também no *Banquete* (180b), discurso de Fedro quando ele diz ser “o amante é mais divino do que o amado,

¹⁹ Mauss, 1950, p. 151.

por estar *possuído pela divindade*". O divino encontra-se no amante, é ele que recebe o hóspede divino, pois é nele que se encontra Éros. Tal confusão²⁰ que coloca o amor como sendo o amado e não reconhecendo o alvo real daquele como sendo o amante, faz com que não percebamos este como o verdadeiro éntheos, isto é, inspirado pelos deuses. É, por isso, que o amante deveria receber todas as honras do amado por estar recebendo em si um deus em toda a sua potência erótica.

A loucura amorosa é aquela que nos transmite uma grande felicidade, por ser aquela que nos é transmitida pelos deuses, e nos faz querer aproximarmo-nos deles. O possuído por esta loucura "quando vê a beleza de cá e se recorda da verdadeira beleza, é provido de asas e, munido delas, arde no desejo de voar" (Fedro, 249d).

A beleza aqui volta a aparecer como algo que nos desperta para o amor. É através dela que temos vontade de conhecer o amado e poder senti-lo; é onde nosso desejo manifesta-se para aquilo que não possuímos, pois enquanto *Eros* se encontra no amante, *Afrodite* se encontra no amado, ou seja, o amor apresenta-se naquele e a beleza neste. E nesta relação, a beleza se torna presente quando o amor está junto dela, pois "[...] não há *Afrodite* sem *Eros*" (*O Banquete*, 180d). Amor e beleza encontram-se numa relação mútua onde um busca possuir o outro.

Eros em Platão também possui uma função pedagógica, onde o eroticamente conturbado pela beleza deve ser educado pela filosofia, já que a *manía* filosófica é racional e conduz para a contemplação da verdadeira beleza. *Eros* surge como um gênio que serve de intermediário para que se possa através do sensí-

20 A confusão também é acusada no diálogo de Sócrates com Diotima, ver *Banquete*, 204c.

vel atingir o inteligível. A sensibilidade torna-se o caminho para o transcendente. O amor faz a relação entre o mundo dos humanos e o mundo dos deuses na busca do perfeito, do divino e do belo, para que assim se possa alcançar o bem.

Diotima vai mostrar a Sócrates que para se atingir o bem é necessário passar por diversos degraus, que podem ser consideradas etapas do belo. Onde o amante inicia o amado nos mistérios do amor, e todos os segredos começam a ser revelados. O secreto aqui tem um sentido de que para conhecê-lo é necessário antes passar por uma experiência vital que possibilite o entendimento. Seria preciso primeiro admirar um corpo belo, para depois perceber a beleza em outros corpos, e poder reconhecer posteriormente a beleza da alma, para que assim se possa atingir a ideia de beleza que seria o último degrau, o da contemplação, que nos permite chegar ao Bem.

Só assim deve alguém entrar ou ser levado pelo caminho do amor, partindo das belezas particulares para subir até àquela outra beleza, e servindo-se das primeiras como degraus: de um belo corpo passará a dois; de dois, para todos os corpos belos, e depois dos corpos belos para as belas ações, das belas ações para os belos conhecimentos, até que dos belos conhecimentos alcance finalmente, aquele conhecimento que outra coisa não é senão o próprio conhecimento do Belo, para terminar por contemplar o Belo em si mesmo. (Banquete, 211c-d)

O amor se impõe tanto nas coisas da ordem humana como na divina, e ele se torna verdadeiro quando há a relação da alma com as ideias. É na alma que encontramos o sentimento puro, que participa tanto do mundo sensível por estar em contato com o corpo, mas também lhe é permitida a entrada no

mundo inteligível, e dessa forma podendo contemplar as ideias mais elevadas. É, pois, através da experiência gradativa com o mundo material que se pode atingir as ideias. E o fim maior do amor erótico entre almas é gerar virtude, pois a virtude é o ápice que se pode atingir em uma relação entre amantes e amados. Colocamos abaixo o poema VI do *Pastor Amoroso*.

Poema VI

*Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo
sem espaço a figura dela
E vendo-a sempre de maneiras diferentes
do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do
que ela é quando me fala,
E em cada pensamento ela varia de acordo
com a sua semelhança.
Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de
pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu
não penso senão nela.
Tenho uma grande distração animada.
Quando desejo encontrá-la,
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
E prefiro pensar dela, porque dela como é
tenho qualquer medo.
Não sei bem o que quero, nem quero saber
o que quero.
Quero só pensar ela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão
pensar. (p. 83)*

Este é o poema máximo do *Pastor Amoroso*. É nele que Caeiro dá a guinada para unir todo o sentir ao pensar. Vejamos por etapas como isso se constrói.

Ao dizer “Amar é pensar”, já acontece uma diferença de como é colocado o amar no *Guadador de Rebanhos* quando ele nos diz: “Amar é a eterna inocência, / E a única inocência é não

pensar...” (p.19). Amar deixou de ser não pensar para passar a ser pensar, o que caracteriza uma aproximação do sentir com o pensar, mas ainda não é o suficiente para uni-los.

Quando ele nos diz: “E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.”, o sentimento deixa de estar presente ao pensar nela, pois pensar aqui é diferente do sentir. Mas o simples ato de pensar já é sentir quando Caeiro nos diz: “Quero só pensar ela.”. Por que cortar o “n” de “nela” e deixar somente “ela”?²¹ Entendemos que a escolha utilizada pelo autor tem o motivo de trazê-la para mais perto do pensamento. Quem pensa, pensa em alguém ou em alguma coisa. Mas isso deixa esse alguém muito longe do pensamento. *Pensar alguém* faz com que este alguém entre direto no pensamento. Nada de tornar o pensar indireto. O pensar na pessoa amada é direto, não exige nenhum conector. Quando Caeiro diz pensar nela, acaba esquecendo de sentir. Mas quando ele pensa ela, abre-se um caminho direto para sentir pelo pensamento. Pensar e sentir tornam-se intimamente ligados neste momento da conexão. Eis toda a transformação do poema.

Se antes Caeiro recusava o pensamento é justamente pelo fato deste ser distante das coisas. Ele antes dizia no poema IX do *Guardador de Rebanhos*.

*Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos
sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido. (p. 34)*

21 Em nota da edição que usamos, encontramos: “O autor datilografou ‘só pensar nela’, riscando com caneta o ‘n’ de ‘nela’”. O que deixa claro que a escolha por ‘ela’ é intencional e não, como se poderia supor, um esquecimento ou um erro do autor.

Ele desta forma tentava conduzir o pensar para o sentir, pois o pensar é distante, já o sentir é próximo. Quem sente, sente alguém ou alguma coisa. Não exige conectivo, é direto. Por isso a necessidade de pensar vendo, ouvindo, cheirando... sentindo. Pensar apenas em seu estado puro é algo que afasta o homem da experiência e de um contato maior com o mundo, impedindo que haja uma relação direta com este. A partir deste poema VI do *Pastor Amoroso* tudo muda. Este poema é a ruptura! Nele, Caeiro aproxima o pensar do sentir sem precisar com isso mudar a forma como se pensa.

Quanto a Deus, Caeiro surpreende mais uma vez. Não sabemos o que é Deus e por isso mesmo ele não nos é possível de ser atingido pelo pensamento. De acordo com o poema VI do *Guardador de Rebanhos*:

*Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou... (p. 26)*

Realmente pensar em Deus é impossível. Não existe conexão possível com Deus desta forma, mas de acordo com o poema VI do *Pastor Amoroso*, para que possamos sentir o que pensamos é necessário acabar com o conectivo que impede que este pensamento torne-se direto como o sentir. Ao *pensar Deus* não mais necessitamos de um conectivo. A conexão é feita direta. Não é preciso mais conhecer Deus para “pensar Ele”. Pensar Deus é sentir Deus.

Caeiro ainda vai nos dizer: “Tenho uma grande distração animada.”, referindo-se a alma que se move e nos faz nos mover, já que “de fato, todo o corpo, cujo movimento lhe vem de fora, é inanimado: é, porém, animado, quando o recebe do

interior de si mesmo, uma vez que é essa a própria natureza da alma" (*Fedro*, 245e). Toda essa aproximação do pensar e do sentir será dado na alma, pois é esta que participa de ambos e nos permite num momento de amor aproximar os homens do divino. É quando o pensar e o sentir se tornam unos na alma que esta consegue atingir a transcendência, pois o pensamento necessita passar por uma experiência vital transmitida pelo sentimento para poder elevar-se nos conceitos puros.

7

A cegueira do amor

*"I'm a blind man, I'm a blind man, now my room is cold.
When a blind man cries, Lord, you know he feels it from his soul".*

- Deep Purple (*When a blind man cries*)

"Pelo amor podemos ser corajosos".

- Laozi

*"Aquele que mais ama é
o subjugado e tem que sofrer".*

- Thomas Mann

*"[...] não há amor eterno a não ser o contrariado.
[...] não há amor generoso senão aquele que se sabe
ao mesmo tempo passageiro e singular".*

- Camus

Dizem que o amor é cego. Mas não é efetivamente o amor que é cego, e sim que ele traz consigo uma cegueira que acaba pairando sobre o amante. Esta não é uma cegueira ruim, mas uma cegueira necessária para a manifestação do amor, já que ao vermos menos conseguimos sentir melhor, passando a ver com os "olhos" do coração ao invés da razão. Para melhor explicar isto coloco abaixo um poema de Alfred Austin.

A Cegueira do Amor²²

*Agora que eu sei que o amor é cego, porque eu
Não posso ver nenhuma beleza nesta terra
bela,
Nenhuma vida, nenhuma luz, nenhuma
esperança, nem alegria,
Prazer ou propósito, enquanto Tua arte não
estiver em mim.
Tua ausência exila o sol do céu,
A árida maturidade da primavera verifica o
nascimento do verão,
Deixando o canto das aves tão triste quanto
seu choro,
E faz-me em abundante procura senão
carência.
Mas quando teus pés agitam a escuridão, e Tu
Com olhos orientais alvorece em minha
angústia,
De repente em cada galho há pássaros
cantando,
O céu se expande e a terra cresce menos e
menos,
O chão agora é flutuante como éter,
E tudo é belo porque Tu és Bela.*

A cegueira aqui é parecida com a loucura transmitida pelo amor, pois é benigna no sentido que nos permite através do sentimento *experimentar o mundo de outra maneira*. Para o amante tudo se transforma na visão do amado, nada mais é belo sem ele, pois a própria beleza se encontra no amado, e a ausência que se forma nada mais é do que o desejo contido na falta. Esta falta afeta toda a maneira de ver do amante e acaba por transformar o mundo a sua volta, mudando principalmente o seu senso estético.

Ao se procurar *Cegueira* no *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1975, 304), encontramos as seguintes definições:

²² Tradução livre de minha autoria do poema *Love's Blindness*. Para ler o poema no original inglês, procurar no *Anexo* no final do livro.

1. *Oftalm. Estado de cego (1); tíflose.*
2. *Estado de quem tem a razão obscurecida, o discernimento ou o raciocínio perturbado.*
3. *Fig. Afeição extrema, exagerada, a alguém ou a alguma coisa.*
4. *Falta de lucidez, ou de inteligência, de bom senso, etc.*

Tem-se a razão obliterada pela cegueira, pois do contrário não se consegue sentir de forma adequada. O amor implica em formas de experimentar que não são alcançadas somente pelo nosso lado racional; é preciso que se utilize o emocional como fonte principal. A maioria das coisas do mundo não consegue ser captada apenas pela razão, e quando a racionalidade não é mais capaz de dar conta de certas realidades, necessitamos recorrer a outros caminhos, sejam estes pela emoção, pela poesia, pelo divino, pelo mito ou pela loucura. A cegueira é um caminho para a loucura necessária que se faz no amor, pois é um momento onde nossa lucidez diminui para se voltar para o emocional. A razão por si só não é capaz de entender o amor, e sempre nos dará uma resposta que não nos é aceita pelo coração; ela obscurece o sentimento ao tentar racionalizá-lo. Somente ao atingir a loucura consegue-se entender o amor.

A afeição que se cria do amante pelo amado afeta toda a sua maneira de ver. O amado se torna luz, ele brilha, porque o amado passa a ser belo para o amante. A beleza como já dissemos antes é a ideia que mais brilha, segundo Platão, e quando o amante está na presença do amado é como se tudo mais brilhasse junto, e toda a escuridão que se tem sem ele se vai. Quando Austin nos diz: "E tudo é belo porque Tu és Bela.", ele transforma o próprio amado naquele que seria o belo em si mesmo, pois todas as coisas belas passam a se remeter antes ao belo primeiro que é o amado. Dessa forma, seu olhar para o mundo

se dá a partir de sua visão do amado. O mundo para a ter um significado perante o amor que se sente pela pessoa amada. O poeta coloca a pessoa amada equivalente a ideia de beleza, sendo, portanto, a geradora das demais belezas.

Ver é algo que vai além dos olhos, é uma relação que não nos é apenas mediata pelo sentido da visão, mas abrange tudo aquilo que podemos ver. Assim podemos comprovar ao lermos o poema VII do *Guardador de Rebanhos*.

Poema VII

*“Da minha aldeia vejo quanto da terra se
pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como
outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”*

*Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste
outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista
à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso
olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o
que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única
riqueza é ver. (p. 27)*

O que os nossos olhos nos podem dar é tudo aquilo que podemos ver, e tornamo-nos maiores a partir do momento que podemos ver mais. Aqui Caeiro não está exaltando apenas a visão nos seu sentido mais empírico de ser, mas algo que sai dela e nos faz crescer o quanto podemos ver. Aqui está presente toda a transcendência do *Guardador de Rebanhos*, que por mais que ele se manifeste contrariamente à metafísica, a transcendência

se encontra presente no seu ser no momento em que ele se torna maior do que seu corpo pode ser. Porque isto faz parte do humano, essa vontade de ir além do que somos e poder transcender o físico para um plano superior, mesmo que não se queira chamar isto de metafísica.

A cegueira é um outro momento da visão, o outro lado da mesma moeda, que nos permite ver utilizando-se de outros meios. No amor ela representa a visão do amante voltada para o belo que lhe é transmitido pelo amado. É uma manifestação da alma do amante que procura sentir a alma do amado, evitando para isto utilizar-se da razão. Porque a capacidade que temos de discernir não faz nenhuma diferença neste momento. Colocamos agora o poema VII do *Pastor Amoroso*.

Poema VII

*Talvez quem vê bem não sirva para sentir
E não agrade por estar muito antes das
maneiras.
É preciso ter modos para todas as cousas,
E cada cousa tem seu modo, e o amor
também.
Quem tem o modo de ver os campos pelas
ervas
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.
Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,
Porque não se é amado como se nasce mas
como acontece.
Ela continua tão bonita de cabelo e boca
como dantes,
E eu continuo como era dantes, sozinho no
campo.
Como se tivesse estado de cabeça baixa,
Penso isto, e fico de cabeça alta
E o dourado sol seca as lágrimas pequenas
que não posso deixar de ter.
Como o campo é grande e o amor pequeno!
Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as
árvores se despem.*

*Eu não sei falar porque estou a sentir.
Estou a escutar a minha voz como se fosse
de outra pessoa,
E a minha voz fala dela como se ela é que
falasse.*

*Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo
ao sol claro,
E a boca quando fala diz cousas que não há
nas palavras.
Sorri, e os dentes são limpos como pedras
do rio. (p. 84)*

Há ainda a questão da rejeição no amor. Muitas vezes ocorre de o amado rejeitar o amante e essa rejeição ser tomada como uma desilusão amorosa. Como nos diz Caeiro no poema acima: “Amei, e não fui amado, o que só vi no fim, / Porque não se é amado como se nasce mas como acontece”. Nesse contexto, o amor se torna dor e sofrimento para aquele que está a amar. Difícil é para o amante superar a negativa do amado em estar com ele para a realização do amor. É nesses momentos que o amante deve ter a resiliência para superar a rejeição e transformá-la e força para prosseguir, pois a rejeição é um desvio que se toma, rumo à novidade que a vida tem a nos apresentar, mesmo que, por princípio, seja dolorosa. A rejeição acaba se tornando um desafio a ser superado para que se possa melhorar a si mesmo diante das adversidades da vida. Como nos diz Liezi:

*Você se sente seguro com o que é
permanente e duvida do que é transitório.
Entretanto, se é incomensurável a natureza da
transformação das coisas, como se poderá
realmente compreender o tempo dessas
transformações? (2020, p. 89)*

A vida é transitória, é transformação, é devir constante, como diria Heráclito. No amor não poderia ser diferente. Ele se trans-

forma de acordo com o que vamos vivendo. Pode acabar ou ser conservado, mas nunca se manter sempre sendo o mesmo. Por isso, o aprendizado é uma parte constante daqueles que querem viver o amor, pois, do contrário, ficam perdidos em suas próprias ilusões de amores perfeitos. Meditar para compreender e deixar ir. O passado não existe e o futuro ainda não veio. O presente é somente o que há. E o presente é somente o efêmero: um instante e nada mais. O presente é o momento da descoberta para mim mesmo de quem eu sou. E, talvez, a partir disso, possamos vir a nos conhecer. Acaso ou destino são essas as forças que nos movem na teia da vida. É por isso que o filósofo estoico Epicteto recomendava: “deixe que vá o que você não pode controlar”.

Ver bem impede-nos de sentir o amor e com isso vivê-lo, mesmo que isso implique em sofrimento, como nos demonstra o poeta ao ver apenas no fim, que não era amado. Assim como todas as coisas, o amor também tem seu modo de ser, e ele não é um nascimento, mas sim um acontecimento. Ele não é planejado, mas acontece de repente, não podendo, portanto, ser calculado pela razão e nem transcrito em palavras, pois estas são insuficientes para expressar todo o sentimento amoroso. Como nos diz Cortázar em seu clássico “O Jogo da Amarelinha”:

Você tira uma ideia dali, um sentimento da outra estante, amarra os dois com a ajuda das palavras, cadelas negras, e acaba que te amo. Total parcial: gosto de você. Total geral: amo você. Assim vivem muitos amigos meus, sem contar um tio e dois primos, convencidos do amor-que-sentem-por-suas-esposas. Da palavra aos atos, che; em geral, sem verba não há res. O que muita gente chama amar consiste em escolher uma mulher e se casar com ela. Escolhem, juro, eu vi. Como se pudesse escolher no amor, como se não fosse um raio que te arreventa os ossos e te deixa estacado no meio do pátio. Você dirá que a

escolhem porque-a-amam, eu acho que é o avesso. A Beatriz não se escolhe, a Julieta não se escolhe. Você não escolhe a chuva que vai te encharcar até os ossos na saída de um concerto. (2019, p. 399)

O amor joga com uma linguagem mais natural e sensível, onde há um entrosamento dos sentires. Ele pode se manifestar até mesmo no silêncio dos olhares, sem precisar da voz para se manifestar. “O silêncio não é inexpressivo, ele não existe nos animais, já que eles não conhecem a palavra” (Marcondes Filho, 2004, p. 97). A palavra não diz tudo mesmo quando a utilizamos, e no amor mais vale o que podemos transmitir sem precisar utilizá-la, num total clima de sedução que se dá entre amantes. É uma conversa que se dá entre almas.

O amor se torna pequeno no momento em que ele é apenas interior. Quando nos esquecemos de perceber o mundo que nos cerca, deixamos de interagir com este e nos limitamos a nós mesmos. Nem mesmo o outro faz mais parte do mundo para nós, mas também o interiorizamos. É neste interior que criamos o nosso próprio mundo e somos capazes de transcender a partir dele. Tornamo-nos incomunicáveis com o mundo exterior e passamos a vivenciar apenas o sonho. Na maioria das vezes, aparece como um protesto que se faz contra o real por impedir a manifestação do possível. Outras vezes, se caracteriza por uma fuga do sentir, já que este nos faz sofrer. Mas o sentimento faz parte da vida e fugir dele é também impedir-se de viver. Seja como for, sempre encontramos alguma forma de expressar nosso interior na realidade, pela nossa necessidade de dizer o que sentimos. E isto é novamente uma tentativa de comunicar o amor que nos atinge como “um raio que te arreventa os ossos e te deixa estacado no meio do pátio”.



Bom, belo e justo: o amor platônico

*“Tudo o que ele [o Amor] faz é sem constrangimento;
todos o servem de muito bom grado, e quando
as partes se põem voluntariamente de acordo,
as Leis, rainhas da cidade, declaram que é justo”.*
- Platão

*“Sempre acreditei que o bom não era senão o belo posto em ação,
que um estava intimamente ligado ao outro e que ambos
tinham uma fonte comum na natureza bem ordenada”.*
- Rousseau

*“O amor não serve ao Tempo, embora as róseas faces e lábios
Cedam ao arco de sua longa foice;
O amor não se altera com suas breves horas e dias,
Mas sustenta-se firme até o fim das eras.
Se tudo que eu disse se provar um engano,
Jamais escrevi, nem amou qualquer humano”.*
- Shakespeare

Acreditamos que a definição de amor em Platão é uma das mais belas, pois, em primeiro lugar, há vários discursos sobre o amor na obra de Platão. O que vulgarmente é conhecido como “amor platônico” muito longe está de uma boa definição do amor em Platão. O amor em Platão longe está de ser algo inatingível. Em sua obra, por diversas vezes os discursos demonstram a busca por algo que complete o ser humano incompleto. Neste capítulo, iremos comparar os discursos de Aristófanes e Sócrates feitos

na obra *Banquete*, fazendo relações também com a obra *Fedro* e fechando com o último poema do *Pastor Amoroso* de Caeiro.

O discurso de Aristófanes no *Banquete* de Platão (189c-193d)²³ é um discurso um tanto singular. Aristófanes já havia passado sua vez para Erixímaco por conta de um soluço que o impedia de falar. Esse recurso utilizado por Platão na cena dramática ordena os discursos proferidos sobre Éros, o Amor, dentro de uma ordem crescente dos assuntos que se vão acrescentando no diálogo como um todo. Erixímaco, corroborando a visão de Pausânias, teria defendido a existência de dois éros. Sendo ele médico, teria adequado o discurso sobre éros à linguagem médica, tomando um éros como sendo o éros doente, típico dos amantes que se perdem em seus amores excessivos e, o outro, o éros saudável, capaz de curar os males do excesso através da moderação. No entanto, para que seja possível estabelecer uma relação de saúde é preciso que haja a dosagem correta, isto é, a moderação de éros e isso só é possível através de uma arte (*téchne*) capaz de dar a medida para o que se sente. Éros, portanto, na linguagem de Erixímaco, estabelece uma relação análoga com as artes, permitindo uma metrificacão do amor.

Podemos notar que o amor, no discurso médico, deve ser administrado como um *phármakon*²⁴. O médico oferece o *phármakon*/discurso para o doente que está tomado pela loucura erótica. Tal loucura instalada na alma deve ser administrada corretamente, mantendo-se o êxtase e sem ultrapassá-lo, pois, do contrário, este perece em sua loucura. O discurso

23 Para o texto grego, utilizamos a edição estabelecida por John Burnet, *Platonis Opera*, Tomus II (Oxford: Oxford University Press, 1901), oferecendo nossa própria tradução deste se assim considerarmos necessário.

24 Para maiores informações sobre a loucura erótica e sua função como um *phármakon* relacionada com a filosofia, ver Switzer, 1994, p. 27 et. seq.

amoroso deve ser administrado como um *phármakon* pela arte adequada para que o amante possa manter-se dentro da medida do amor e não cair no excesso do amor possesso que visa prejudicar todo e qualquer tipo de relação amorosa que possa vir a se estabelecer entre duas pessoas que se amam: eis a *arte de amar*.

Aristófanes, antes de falar, será alertado por Erixímaco para que não venha a dizer algo risível e estragar o andamento do discurso, ao que Aristófanes irá rir e responder:

Tens razão Erixímaco; fica o dito pelo não dito. Porém não precisas vigiar-me; o que me preocupa não é fazer rir [γελοῖα] – o que só seria de vantagem e muito de acordo com a nossa musa – porém tornar-me ridículo [καταγέλαστα] com o que disser. (Banquete, 189b4-7)

Aristófanes está pronto para fazer um discurso novo, totalmente diferente do que Erixímaco nos apresentou, algo de todo inédito para os convivas presentes no *Banquete* de Agatão e, talvez, para toda a Grécia da época retratada na obra. Aristófanes não está, de fato, preocupado se vai parecer ridículo aos demais. Sua arte é fazer rir e fazer rir é o seu ofício, portanto, se sua narrativa for um tanto ridícula, isso só irá beneficiar ainda mais a sua reputação. Seu discurso começa exaltando Éros como “um médico para males cuja cura definitiva redundaria em máxima felicidade para o gênero humano” [μεγίστη εὐδαιμονία ἂν τῷ ἀνθρωπείῳ γένει εἴη] (*Banquete*, 189d1-3). Até esse ponto, Aristófanes parece estar de acordo com Erixímaco e não faz nada de anormal ou risível. No entanto, tudo muda quando ele nos diz que precisa antes definir a natureza humana [ἀνθρωπίνη φύσις] e as modificações que esta passou.

O mito do Andrógino se inicia com essa tentativa de definir qual seria a real natureza humana. É o primeiro mito sobre gênero que temos registro. Aristófanes usará esse mito para tentar dar conta do humano como um todo, falando de todos os tipos de amores possíveis e não somente um em específico. Ele começa dizendo que no princípio haviam três gêneros: masculino, feminino e o andrógino. Isso porque os homens seriam duplos, tendo duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, etc. Os três gêneros representavam a forma completa da humanidade, sendo o masculino a junção de homem + homem, originando-se do sol, o feminino seria a junção da mulher + mulher, originando-se da terra e o andrógino, seria a junção de homem + mulher²⁵, originando-se da lua. Essa caracterização do humano tem uma explicação marcante que só ficará clara a partir da penalidade imposta por Zeus à humanidade. Os homens ao tentarem desafiar os deuses terão como punição o enfraquecimento da espécie, dividindo-os no meio (*Banquete*, 190d). Dessa forma cada um dos gêneros será dividido e onde antes havia um, agora há dois. O que pretendemos investigar aqui é o sentido dessa busca da unidade das partes divididas por intermédio do mito apresentado por Aristófanes no *Banquete*.

A punição divina sobre a humanidade dividiu todos aqueles que antes eram unos, deixando suas partes incompletas. Ou seja, o que antes formava um todo perfeito passou a ser partes imperfeitas vagando no mundo. Aristófanes chama a atenção para o fato de que essa é a condição atual dos humanos, mas não a sua verdadeira natureza, pois a natureza humana é, originariamente, una. Os humanos sem suas metades passam a morrer de fome ou de outras causas devido a saudade da parte que lhes falta. Para

25 É interessante observarmos que a própria etimologia da palavra indica a sua essência; ἀνδρό-γυνος: junção das palavras ἀνήρ, ἀνδρός (homem) + γυνή, γυναικός (mulher).

resolver esse problema e apiedando-se dos homens Zeus dará um sentido para éros, fazendo do desejo sexual esse resgate das partes separadas (*Banquete*, 191b-c). Será nesse ponto que Aristófanes irá iniciar a sua explicação para a existência de *erós*. Ele está a falar de todos os amores humanos possíveis, entendendo que a separação dos gêneros significa justamente isso. Entre aqueles que compunham o masculino, a divisão dará origem a dois homens que gostam de homens; entre os que compunham o feminino dará origem a duas mulheres que gostam de mulheres; e entre os que compunham o andrógino dará origem a um homem que gosta de mulher e uma mulher que gosta de homem. Dessa forma, Aristófanes pretende abarcar o todo das possibilidades amorosas entre os humanos. Éros tem papel fundamental para reunificar os humanos e salvá-los da solidão a que foram condenados.

Desde então é inato nos homens o amor de uns para os outros, o amor que reestabelece nossa primitiva natureza e que, no empenho de formar de dois seres um único, sana a natureza humana. (Banquete, 191c8-d3)

Aristófanes demonstra que a separação dos humanos levou com que eles anelassem o reencontro com a sua metade para novamente formar um todo. “O desejo desse *todo* e o empenho em restabelecê-lo é o que denominamos amor” [τοῦ ὅλου οὖν τῆ ἐπιθυμία καὶ διώξει ἕρως ὄνομα] (*Banquete*, 192e10-193a1). O todo representa esse resgate com a primitiva natureza humana, pois os humanos não são completos e por isso desejam unir-se uns aos outros. O discurso de Aristófanes trata, em grande parte, da sensibilidade existente nas relações amorosas. Ao contrário dos outros discursos, Aristófanes não faz abstrações sobre éros, mas deixa bem claro seu sentido como relação sexual. Éros é a força que liga os indivíduos uns aos outros pelo desejo. Segundo Dover:

A decisão de Platão no caso do discurso de Aristófanes está, eu sugiro, no valor compartilhado entre comédia e folclore e isto acontece, aparentemente, quando nós examinamos os mais importantes contrastes entre Aristófanes e os outros oradores no Banquete. Todos os outros oradores argumentam em algum grau de termos abstratos, mesmo se o argumento simula ele mesmo, na forma tradicional, como uma exposição dos atributos de um ser sobrenatural. Somente Aristófanes se compromete de todo o coração com o particular e o perecível; ele toma por certo que para uma reunião individual com seu único, sua individual 'outra metade' é um fim em si mesmo. Esta é a questão entre ele e Diotima. (Dover, 1966, 47)

Apesar de concordarmos com Dover de que Aristófanes está comprometido com o particular representado no encontro entre dois indivíduos através da força erótica que os atrai, acreditamos que há uma explicação metafísica na formação desse *todo erótico* apresentado em seu discurso. A separação é ontológica: do *um* veio o múltiplo e o múltiplo anseia retornar ao *um*. Ao levantar uma hipótese mítica que explica a natureza humana, Aristófanes estaria engajado em apresentar uma proposta que explicasse éros em sua totalidade. No entanto, isso só poderia ser feito se houvesse um ponto de demarcação que expusesse os limites para se retomar a totalidade, e essa demarcação se dá com a punição divina dos homens que faz com que eles estejam sempre em busca desse reencontro com a unidade primordial da sua natureza. Isso fica claro quando ele afirma que

nossa espécie só poderá ser feliz [ἡμῶν τὸ γένος εὐδαιμον γένοιτο] quando realizarmos plenamente a finalidade do amor e cada um de nós encontrar o seu verdadeiro amado, retornando, assim, à sua primitiva natureza. Se isso for o que há de melhor

[ἄριστον], nas presentes circunstâncias o melhor, necessariamente [ἀναγκαῖον], para cada um será o que mais aproxima-se desse desiderato, a saber: encontrar o amigo cuja natureza corresponda a suas aspirações. (Banquete, 193c3-8)

Aqui Aristófanés parece fazer uma relação entre o reestabelecimento da primitiva natureza e a felicidade humana. Há em éros uma força necessária [ἀναγκαῖον] que procura o caminho para o melhor [ἄριστον], mas esse melhor é uma busca para “encontrar o amigo cuja natureza corresponda a suas aspirações”. Essa é uma aspiração metafísica, pois envolve a busca por uma completude mítica que não existe na sensibilidade. Portanto, o resgate da unidade originária se faz através do *todo erótico*.

O *todo erótico* que estamos nos referindo é a maneira pela qual Aristófanés interpreta éros em seu discurso. Éros, além de ser uma força necessária que age na união dos homens, também representa a construção de uma relação amorosa e de parceria entre dois indivíduos. Para isso atentemos aos significados de éros presentes no discurso aristofânico²⁶:

1. Desejo sexual – Quando um indivíduo A deseja o indivíduo B pelas qualidades genericamente reconhecidas de B e, por isso, A quer manter relações sexuais com B. Daqui C pode entender porque A deseja B; e quando confrontado com D, que possui qualidades objetivamente desejáveis em maior medida do que B, A é provável que prefira D a B. O mote principal de éros aqui é o *desejo*.

26 Utilizamos *aproximadamente* a interpretação de Dover (1966, p. 48-49). Segundo Dover, “Aristófanés usa a palavra [ἔρως] exclusivamente para (3)”, o que discordamos, como pretendemos demonstrar a seguir.

2. Afeição – Algo que podemos sentir por alguém de qualquer idade ou gênero. O mote principal de éros aqui é a *amizade*.

3. Preferência – Quando o desejo de A por B é ‘preferência’, muitas vezes acontece que B não é conspícuo para qualidades objetivamente desejáveis, que C não entende porque A prefere B, e que a preferência de A é inabalável pela acessibilidade do infinitamente desejável D. O mote principal de éros aqui é a *escolha*.

A completude só pode ser atingida entre os indivíduos através de relação entre esses três significados de éros. É nisso que consiste o *todo erótico* que estamos a falar em nosso trabalho. A unidade não é apenas o retorno a primitiva natureza retratada no mito, mas também o reconhecimento no outro desses três significados de éros. O primeiro significado implica em um desejo que se pode sentir por qualquer indivíduo que possui atributos genéricos socialmente reconhecidos. Devido a isso, (1) não é a garantia de um resgate com a primitiva natureza. O segundo significado é o fundamento da amizade (*phília*), ele implica em um reconhecimento mútuo entre as partes e um forte companheirismo. Apesar de (2) poder se relacionar com (1), ele não é uma necessidade e, portanto, (2) é possível de se ter com diferentes tipos de pessoas, independentemente de sexo, idade, grau de parentesco ou qualquer outro atributo. O terceiro significado é basilar para a noção do *todo erótico* que estamos defendendo. A preferência por alguém é o atributo que relaciona todos os demais. (1), (2) e (3) estão ligados por causa de (3). É possível ter (1) ou (2) separados dos demais, mas não se é possível ter (3) sem ter (1) e (2). A preferência por alguém é a escolha que se faz de se estar com aquela pessoa independente dos atributos.

tos sociais que levariam normalmente ao sexo. Entretanto, essa não é qualquer escolha, como se faz ao se escolher uma marca de um produto qualquer, mas uma *escolha erótica* que envolve também um desejo pelo objeto amoroso. A preferência implica em um encontro de almas que vai muito além de qualquer atributo físico. É quando Aristófanes diz:

se quisermos celebrar a divindade a quem devemos tão grande benefício, teremos, com justiça, de fazer o elogio de Éros, que nos concede no presente o maior bem, com reconduzir-nos ao que é próprio e nos dá a doce esperança de, para o futuro, nos mostrarmos reverentes aos deuses, reestabelecer nossa primitiva natureza, curar-nos e deixar-nos felizes e bem-aventurados.
(*Banquete*, 193c8-d5)

Somente através de (3) se pode ter o *todo erótico*, pois a preferência representa o reencontro das metades separadas reunidas na unidade primordial da natureza humana. É nisso que se encontra o sentido do amor no discurso de Aristófanes, que, ao querer exercer a sua musa e provocar o ridículo, acaba por fazer o mais belo dos discursos do *Banquete*. O discurso aristofânico, além de envolver todos os gêneros possíveis, também é um discurso sobre o sentido do amor na vida dos humanos rumo à plena felicidade. Nesse ponto, Aristófanes é um humanista e defende um amor que englobe toda a humanidade, respeitando todos os tipos de amor. Éros, dessa forma, representa a comunhão dos humanos com sua própria natureza.

Quanto a Sócrates, ele irá iniciar o seu discurso explicando a relação que Éros possui com a beleza. O amor seria desejo de algo e, segundo ele, “[...] só pode haver amor do belo” (*Banquete*,

201a). Irá dizer também ser Éros não um deus, de fato, mas um *daímon* (*Banquete*, 202d), um intermediário entre deuses e homens, e por isso mesmo não seria belo, mas amante por natureza da beleza. Será nesse ponto que Sócrates irá apresentar o mito do nascimento de Éros (*Banquete*, 203b-c), de modo a poder demonstrar a natureza do amor. No dia do nascimento de Afrodite, o deus Recurso teria bebido demais, penetrou no jardim de Zeus e adormeceu. Pobreza indo à festa para mendigar, acaba encontrando Recurso e se aproveita dele para fazer um filho. Éros seria, portanto, filho de Recurso (*Póros*) e Pobreza (*Penía*) e, dessa forma teria a característica de ambos em sua natureza:

Tendo herdado a natureza da mãe, é companheiro eterno da indigência. Por outro lado, como filho de tal pai, vive a excogitar ardis para apanhar tudo o que é belo e bom; é bravo, audaz, expedito, excelente caçador de homens, fértil em ardis, desejoso da sabedoria, sagacíssimo, filósofo o tempo todo, feiticeiro temível, mágico e sofista. (Banquete, 203d3-8)

Éros é um mestre de muitos ardis, tendo as principais características do investigador. Seu desejo é pela *phrónesis*, pelo conhecimento pleno que ainda lhe falta e, por isso, ele se aproxima tanto do filósofo, mas também do mago e sofista, isto é, de todos aqueles que buscam a sabedoria nas suas artes. E aqui, provavelmente, se encontra o sentido de Platão colocar tanto na boca de Aristófanes como de Sócrates um mito, pois será na composição desses mitos que Platão pretende apresentar uma verossimilhança com o que há na natureza humana e sua relação com o amor. Entendemos aqui que o mito não é a

enunciação do falso²⁷ propriamente, pois a própria falsidade e a verdade fazem parte de sua estrutura e nela mesma se confundem. O mito possui seu próprio mundo significativo, onde tais classificações não se encontram. Segundo Edelstein, apesar do mito para Platão ser como uma fábula construída pela vontade ele não é uma antítese da razão (Edelstein, 1949, p. 466). Ou seja, em sua função, o mito não se opõe ao *lógos*. De acordo Luc Brisson, “Platão quer colocar o *lógos* no lugar do *mýthos*, mas deve levar em consideração o segundo para dar um fundamento ao primeiro e garantir sua eficácia” (Brisson, 2003, p. 27).

O amor é retratado como um grande intermediário entre o divino e o humano, aquele que faz a ligação e permite aos homens a capacidade de buscar o seu objeto de desejo, pois “sendo Éros amante do belo, necessariamente será filósofo ou amante da sabedoria, e, como tal, se encontra colocado entre os sábios e os ignorantes” (*Banquete*, 204b). Dito isso, Sócrates irá fazer a correspondência do belo [καλόν] com o bem [ἀγαθόν], afirmando que os homens desejam possuir as coisas boas para atingir a felicidade, o que estabelece uma relação causal entre bem e felicidade, sendo a felicidade o motivo de desejarmos o bem (*Banquete*, 204d-205a). Será nesse ponto que Sócrates, através de Diotima, irá fazer uma referência indireta a doutrina de Aristófanes:

27 Para defender a tese de que o mito não é a enunciação do falso utilizamos os estudos de Edelstein, 1949, p. 469; “Para ser claro, é inerente na natureza do entendimento humano que a verdade e a falsidade são sempre estreitamente entrelaçadas”; e principalmente Veyne, 1987, onde ele coloca: “O mito e o *lógos* não se opõem como o erro e a verdade” (p. 13-14); “[...] a tradição mítica transmite um núcleo autêntico que, ao longo dos séculos, se foi rodeando de lendas; só estas lendas é que põem problemas, mas não o núcleo” (p. 27); “O mito era um *tertium quid*, nem verdadeiro, nem falso” (p. 45); “Conclusão: temos de antemão a certeza de que mesmo o mito mais ingênuo tem um fundo de verdade” (p. 87-88).

Existe uma teoria segundo a qual amar é procurar a outra metade de si mesmo. Porém, o que minha teoria afirma é que amar não será a procura da metade nem do todo, se essa metade, meu caro, e esse todo não forem bons. (Banquete, 205d10-e3)

Dessa maneira, Sócrates conclui dizendo que se deseja o belo porque este é bom e o amor “é o desejo de possuir sempre o bem” (*Banquete*, 206a). O homem é aquele que busca procriar nas coisas belas e boas para poder se immortalizar nas suas obras. Alguns homens só conseguem produzir filhos do corpo que pouco duram, no entanto, aqueles que conseguem perdurar, produzem filhos da alma, verdadeiras obras que tornaram o seu autor imortal. Essa são as etapas estética e ética do discurso de Sócrates que se complementam em vista de uma vida boa e feliz.

Entretanto, será nos mistérios últimos que Diotima pretende inserir a etapa mais difícil da educação socrática para o amor (*Banquete*, 209e et seq.). Será através desses mistérios que Sócrates será introduzido às etapas epistêmica e ôntica de seu discurso. Os *degraus eróticos* de Diotima são a passagem do belo sensível para a forma do belo, definida como $\alpha\upsilon\tau\omicron\ \kappa\alpha\theta'\ \alpha\upsilon\tau\omicron\ \mu\epsilon\theta'\ \alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon\ \mu\omicron\nu\omicron\epsilon\iota\delta\epsilon\varsigma\ \acute{\alpha}\epsilon\iota\ \delta\acute{\nu}$ (*Banquete*, 211b1-2) – ela por si mesma, consigo mesma, forma única, sempre sendo –, do qual todas as outras coisas belas participam.

No *Fedro*, há o mesmo impulso erótico para o conhecimento da forma do belo ou beleza, para que assim se possa atingir o bem e a felicidade, pois existe a mesma relação no *Banquete* entre a beleza e o bem. A beleza exerce a função no discurso de conduzir os iniciados pelo amor para a contemplação das demais formas ou ideias, sendo estas o verdadeiro objeto de desejo do filósofo. A beleza no seu papel sensível

possui certa semelhança com o papel do mito. Enquanto este pretende convencer a parte mais baixa da alma a acreditar no que é contado, exercendo junto do elemento racional uma função persuasiva/educativa, aquela pretende a partir do sensível conduzir ao inteligível através de um exercício erótico/pedagógico. A visão é posta no discurso como a mais agudas das sensações, pois permite a contemplação da beleza e, com isto, o engate inicial para que se possa conduzir a alma para a contemplação das formas supracelestes, unicamente captadas pelo intelecto. Somente aqueles que são de alguma maneira iniciados e não se deixam cair no prazer imediato despertado ao ver a beleza, podem retirar dela os devidos proveitos. A beleza é a única coisa do divino que conseguimos captar pelo sensível. Nenhuma outra virtude, nada mais divino, senão a beleza. Ela é capaz de excitar os sentidos do corpo e conduzir ao desvelamento dos mistérios da alma, permitindo que a reminiscência se instale e se inicie a lembrança das formas.

Em paralelo com os *degraus eróticos* de Diotima indicados no *Banquete* (210a-211e), os mistérios no *Fedro* vão se revelando aos poucos ao amado conduzido pelo caminho indicado pelo mestre (amante). Aqueles que fazem o reto uso de suas recordações do divino despertadas pela contemplação da beleza, recebem pelos olhos o afluxo da beleza, suas asas são irrigadas e novamente começam a nascer. Os olhos são a janela natural da alma (*Fedro*, 255c), a entrada onde se estabelece a relação do sensível com o inteligível. Platão indica a necessidade de uma experiência vital com a beleza para que se possa estabelecer uma correspondência com o inteligível. A beleza deve ser vivenciada, apreciada e contemplada, pois ela é a única forma que possui uma correspondência sensível. É a que menor esforço exige para que seja apreendida, pois, para se experimentá-la,

não é necessário um movimento do intelecto. O exercício intelectual é aquele utilizado para o entendimento, e será somente através do intelecto que poderemos entender a beleza em sua forma absoluta, tanto quanto as demais virtudes. Mas, para que isso ocorra, é preciso que antes possa haver a experimentação, que no caso da beleza acontece pela captação dos olhos.

A visão está para o sensível assim como o intelecto está para o inteligível. Ambos estabelecem o paralelo da visibilidade em cada um dos campos em que agem. A beleza por sua vez tem a função de tornar visível o divino, pois age no campo do sensível excitando os sentidos para a reminiscência da forma de beleza que se encontram num campo suprassensível. Dentro do percurso mítico que se apresenta, a beleza exerce o recurso persuasivo que é o de conduzir-nos para o inteligível partindo de um meio sensível. Se provarmos que pela existência da beleza no sensível existe também um correspondente de beleza no inteligível, podemos provar a existência das demais formas supracelestes.

Em seu mito sobre a alma (*Fedro*, 243e9–257b6), Sócrates pretende não só demonstrar a natureza da alma, como também a relação entre o sensível e o inteligível através da beleza. É preciso que se entenda que não é por existir algo sensível que existe algo inteligível, mas justamente o contrário. As formas supracelestes sempre existiram, são eternas. São também causa da beleza sensível, e é através do exercício da reminiscência que é possível recordar delas no plano sensível. Mas a única maneira de tornar este exercício viável é através da contemplação adequada da beleza.

O paralelo com o *Banquete* é singular. Quando Diotima inicia Sócrates nos mistérios eróticos, Sócrates aprende o sentido de éros para se atingir a verdade sobre as coisas que são no

mundo. O desejo erótico é o despertar do sensível para o conhecimento das coisas no inteligível.

O amor é algo que participa da alma e, para que se entenda isso, Platão se utiliza do mito para explicar-nos, pois o mito é por ele utilizado num momento em que a racionalidade não alcança. Ele define a alma como imortal e que se move a si mesma, sendo essa a sua natureza. “Ora se é assim que as coisas se passam – que quanto se move por si mesmo não é outra coisa senão alma –, então a alma, necessariamente, seria não-gerada e imortal” (*Fedro*, 245e-246a). Para melhor explicar a alma, Platão se utilizará de uma imagem de uma biga alada e um cocheiro. A biga possuiria uma parelha conduzida pelo cocheiro. Portanto, a imagem que Platão coloca da alma seria tripla, composta do condutor e dois cavalos.

O mito para Sócrates deveria ter a função da investigação de si mesmo. Ele critica, portanto, a maneira como eles eram interpretados pelos sofistas, já que estes tentavam racionalizar o mito, e assim transformá-lo em uma explicação plausível para a sua existência. Sócrates defende o conhecimento de si mesmo, e nisto, o mito deveria ter sua função de investigar a própria alma, tentando encaixá-lo no processo de conhecimento de si. Sócrates irá caracterizar a interpretação alegórica do mito como *ἀγροικὸς σοφία* (*Fedro*, 229e.), uma espécie de *sabedoria rústica*, a qual os homens hábeis e incrédulos gastam seu tempo tentando encontrar uma explicação cabível para o mito, e irá dizer não ter tempo para essas coisas, pois “ainda não fui capaz, como manda a inscrição délfica, de me conhecer a mim mesmo” (*Fedro*, 229e. Com esta fala, Sócrates estabelecer a diferença entre o verdadeiro *sophós*, aquele que aceita e crê nos mitos como uma forma de se conhecer a si mesmo ao ser por eles conduzido, e o *deinós*

como sendo aquele descrente, que nada entende dos mitos e procura interpretá-los sem verdadeiramente compreendê-los. Isto, a nosso ver, faz da primeira utilização de Sócrates da palavra *sophoi* em 229c, uma ironia àqueles que são descrentes dos mitos, sendo estes provavelmente os sofistas e outros que se utilizaram dos mitos de forma alegórica.

De acordo com Tate (1927), é mais provável que a interpretação alegórica tenha se desenvolvido gradualmente com o crescimento mais consciente de um uso de uma linguagem mítica para expressar especulações religiosas e filosóficas (Tate, 1927). No século V a.C., século de Sócrates, o método alegórico já estava plenamente desenvolvido, tanto por filósofos, sofistas e outros pensadores da época. Fazia-se uso das tradições míticas para benefício próprio, afirmando suas próprias ideias através de uma interpretação dos mitos dos poetas. Afirmava-se, assim, haver por trás do mito um sentido oculto [ὐπόνοια] que pudesse levar a sua verdadeira interpretação (Tate, 1929).

O mito da parelha alada seria uma das formas encontradas por Platão de ilustrar como seria a alma, e a maneira que encontrou para investigá-la. O mito coloca a alma formada por três partes: o condutor e dois cavalos. Os deuses teriam somente cavalos bons, mas os cavalos dos homens seriam divididos, sendo um bom e outro o contrário deste. O motivo dos deuses possuírem dois cavalos e não somente um, já que ambos são bons, é porque Platão ilustra a alma possuindo três partes, e para manter a coerência, é necessário que haja dois cavalos. As almas estariam a percorrer o céu sendo então guiadas pelos deuses. Estes seriam 12, no entanto, apenas 11 estariam viajando, já que Héstita sempre permanece na habitação dos deuses. Estes quando se dirigem ao banquete sobem em dire-

ção ao cume da abóbada celeste. As almas dos homens tentam seguir a dos deuses, no entanto, muitas por possuírem apenas um cavalo bom, não conseguem fazer a travessia e perdem as asas caindo até encontrar um corpo para encarnar. Aqui enfatizamos a importância dada às asas, pois a alma quando munida de asas é perfeita e caminha pelo espaço.

A força das asas tem por missão natural levar para o alto o que é pesado, elevando-o até a região onde habitam os deuses; e elas de certo modo participam do divino, mais do que qualquer outra coisa que estão em contacto com o corpo; ora o divino é o que é belo, bom e o que possui todas as qualidades do mesmo gênero. Dessas excelências precisamente se alimenta, e sobretudo cresce, o aparelho alado da alma, enquanto pelo vício, pelo mal e por tudo o que é contrário àquelas qualidades se degrada e perece. (Fedro, 246d-e)

Quando a alma perde as asas, agarra-se a algo sólido, encarnando num corpo terreno. Platão descreve nove etapas de encarnação da seguinte forma:

[...] na primeira geração: a alma que tiver visto maior quantidade de realidades entrará no germe de um homem destinado a ser um amigo da sabedoria ou do belo, ou alguém consagrado às Musas ou ao amor; a segunda, germe de um rei justo ou no de um guerreiro e governante; a terceira, no de um político ou no de algum ecônomo e financeiro; a quarta, no de um homem amante da fadiga, de um atleta ou de alguém que tenha por missão a cura do corpo; a quinta terá uma vida de adivinho ou de iniciado; à sexta corresponderá um poeta ou alguém que se dedique a outra arte qualquer de imitação; a sétima, um artífice ou um lavrador; à oitava um sofista ou um demagogo; à nona, um tirano. (Fedro, 248d-e)

As almas não voltarão de onde vieram num prazo de dez mil anos, pois não receberão asas antes de tal tempo, com a exceção dos filósofos que poderão voltar num prazo de três mil anos. Sendo a alma imortal, esta já conheceria as ideias e estaria no mundo material apenas se lembrando delas. A verdade estaria nas ideias e o filósofo seria o mais próximo de atingi-la por ser um amante da verdade. Há aqui uma relação erótica com a verdade e eros seria aquele que permitiria a ligação do mundo sensível para o mundo inteligível através da contemplação da beleza. Para que isto acontecesse, a alma no papel de amante deveria primeiro controlar o cavalo mau para evitar que este caísse nos deleites do prazer sem com isto ter uma relação nobre com o amado. Ao ver o amado o cavalo mau sempre tenta se aproximar a todo custo, mas o cocheiro sempre o controla através de muita luta. Aqui é necessário que falemos da importância da iniciação, pois aqueles que não são iniciados no amor entregam-se ao prazer como um fim e nada obtém disto após sua realização; mas o recém-iniciado, que soube antes contemplar as diversas belezas, ao ver algum corpo que imita bem a beleza “sente primeiro um estremecimento e invadem-no alguns dos temores do passado; em seguida, fixando o olhar, venera-a como a um deus” (*Fedro*, 251a). A alma do filósofo é aquela que através da temperança consegue estabelecer um estado de controle onde se é possível admirar a beleza do amado e fazer com isto que as asas comecem a novamente a crescer. E as asas tornam-se mais fortes quando estão próximas da beleza, entretanto, voltam a secar se se afastarem desta. E isto faz o amante procurar o tempo todo estar perto daquele capaz de transmiti-lhe a beleza. “Então, logo que o vê e canaliza para ele a vaga do desejo, liberta o que antes estivera encerrado e toma fôlego, cessando já os aguilhões e as dores; nesse momento goza novamente do mais delicioso prazer” (*Fedro*, 251e).

O amado com isso receberá o fluxo vindo da beleza regressando novamente a ele através dos olhos que são a entrada natural da alma. Despertado o amor no amado, as asas deste também começarão a nascer e a crescer, e o amado passará a ser um reflexo do amante, pois vê a si próprio neste. Através da disciplina eles passaram juntos pelo amor à sabedoria e atingindo uma existência feliz e de concórdia. A sabedoria é uma referência relevante, pois “a porção mais importante e bela da sabedoria, é a referente ao governo das cidades e à organização da família, o que recebeu o nome de prudência e justiça” (*O Banquete*, 209a-b).

Eros em sua função pedagógica, tinha como intuito também criar bons cidadãos para a *polis*. Uma cidade feita só de amantes e amados seria ideal e justa, pois estes se estimulariam reciprocamente na prática virtuosa do bem. “Quem tiver sido levado até esse ponto pelo caminho do amor, após a contemplação gradativa e regular das coisas belas, já próximo da meta final do conhecimento amador, perceberá de súbito uma beleza de natureza maravilhosa” (*O Banquete*, 210e). Belo este que não conhece nem nascimento ou morte, mas é sempiterno; não é belo de um jeito e de outro não; não é belo para alguns e para outros não; não está em nada físico, nem em nenhum discurso ou conhecimento. Este belo não está em nenhuma outra beleza, mas estas todas participam daquele. Somente a alma é órgão que tem o poder de torná-lo visível a contemplação, e isto só é permitido aqueles que saibam gerar e alimentar a verdadeira virtude. Aos amantes que souberem juntos realizarem tal feito merecerão todas as graças divinas. “Então no fim da vida, recuperadas as asas e a leveza, dos três combates verdadeiramente olímpicos, ganharam já um – vitória essa que é um bem supremo, que nem a sabedoria humana nem a loucura divina são capazes de oferecer ao homem” (*Fedro*, 256b).

Esta é a colocação de Platão em relação ao amor. Para que prossigamos na análise é preciso que agora falemos do sentimento e sua relação com o pensamento, e do porquê da separação destes. Para fundamentar nossa argumentação colocamos abaixo uma citação de Rousseau a qual pretendemos nos basear daqui para frente.

Antes que se houvessem inventado os sinais representativos das riquezas, elas quase que só podiam consistir em terras e em rebanhos, os únicos bens reais que os homens podiam possuir. (ROUSSEAU, 2002, p. 218)

Se as terras e os rebanhos são considerados os únicos bens reais, a disputa por eles é comum entre os homens, e sempre haverá a tentativa de controlá-los. Se colocarmos num âmbito mais atual, podemos ver isto acontecendo com os pensamentos, os quais, numa sociedade de massa, o controle se tornou algo imprescindível, e sua oposição aos sentimentos necessária para isto. Pois o sentimento é algo que não é facilmente decifrável, fugindo mais facilmente ao controle, e por isso mesmo menosprezado. Colocamos, pois, o poema VIII do *Guardador de Rebanhos*.

Poema VIII

*O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que
trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu...
Nunca mais encontrou o cajado.
Outros, praguejando contra ele,
recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.
Quando se ergueu da encosta e da verdade
falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos vários*

*verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que
qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os
campos que existem,
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com
dor, uma liberdade no peito. (p. 85)*

A perda do “cajado” representa a perda da razão, mas não a razão total das coisas. É a perda necessária da razão para que se comece a sentir as coisas. As “ovelhas” representam os pensamentos, e estas, sem o “cajado”, começaram a correrem soltas. Os pensamentos, portanto, saltavam das mais variadas formas e o Pastor Amoroso passou a somente pensar. No entanto, não se pode pensar sem que alguém tente organizar os pensamentos. Estes “outros”, que praguejando recolhem as ovelhas do pastor, são aqueles que o tempo todo tentam organizar a maneira como temos que pensar. O mesmo aconteceu com o Pastor Amoroso. Vindo de um sentimento profundo de amar, descobre que não é amado. Não é amado simplesmente porque no mundo impera uma Razão única que impede que um sentimento próprio se torne real. Ao se erguer da sua “verdade falsa”, aquela que ele não deve sentir, pôde ver “tudo”, as mesmas coisas de sempre; percebeu a magnitude do mundo. “As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento”, afinal, o que é o sentimento – o verdadeiro sentir, perante a grandiosidade do mundo?

É assim que se deve organizar a realidade, é assim que todos devem pensar. O indivíduo não deve sentir o que não lhe é dito para sentir. O sentimento é nos dito como algo abstrato, e não concreto como uma montanha. O Pastor percebendo tudo isso, sentiu uma “liberdade no peito”, “mas com dor”. E esta liberdade veio no peito, no lugar onde fica o coração. O coração simboliza

o sentir. O Pastor Amoroso pôde perceber toda a realidade do mundo, um mundo onde o sentimento não é real. Um mundo organizado na univocidade de uma Razão maior que impede todo tipo contrário de pensar. Ao perceber que não era amado, percebeu “com dor” no coração, que também não existia Amor no mundo: eis o absurdo!

Em certas situações, responder “nada” a uma pergunta sobre a natureza de seus pensamentos pode ser uma finta de um homem. Os seres amados sabem bem disto. Mas se a resposta for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo. (Camus, 2019, I. 233)

Ao sentir essa imensidão o invadindo, o Pastor Amoroso “nunca mais encontrou o cajado”. Tornou-se um louco no mundo. Pois *se ser são é não sentir, é preferível perder a razão e ser louco*. Nos *Poemas Inconjuntos*, Caeiro continua:

*Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão –
Porque não tinha que ser. (p. 95)*

Não se foi amado pela “única grande razão”. É esta que tenta explicar o “porquê” de não ser amado. Algo que tenta racionalizar o sentimento, tentando encontrar uma explicação para as coisas do sentimento. Explicação esta que não confortará nunca o coração. Mas num mundo onde a razão é única opção e o sentimento não é real, muitas vezes as pessoas não percebem os motivos do coração. A partir do momento em que passamos a organizar o sentimento pela razão, deixamos de sentir.

Quando se ama alguém, este passa a ser idealizado pelo amante e a participar das ideias. A ideia é o que existe de mais perfeito, segundo Platão. A idealização do amado é o que vulgarmente se conhece por amor platônico. Mas isso acontece em um único instante, onde somos capazes de realmente captar a beleza que salta desse alguém, pois “falando com rigor, pode-se dizer que existe só um momento que a pessoa bela é bela” (Winkelmann *Apud* Mann, 2000, p. 303). É nesse instante irrepetível e único que todo o momento se eterniza, tornando-se perfeito e metafísico. Nada mais nos é preciso para admirar tal beleza. Pois tal momento que nos abre para a contemplação do verdadeiro Belo, pode ser despertado por qualquer coisa, qualquer detalhe, no entanto, nos é muito mais interessante quando não conseguimos dizer o motivo. Quando esse algo belo simplesmente nos toca como belo. E assim é o amado para o amante, já que aquele desperta neste, através de um detalhe que não se consegue explicar, todo o momento que é transcendido, eternizando-se na perfeição metafísica. O amante é tocado pela euforia do amor e começa a flutuar em direção ao amado; e tal é a capacidade do amante de exaltar o perfeito, que o amado torna-se deus. Dizem que quando o amado chega neste ponto não pode ser jamais tocado pelo amante para que continue nessa condição ideal. No entanto, a ideia para Platão é o que existe de mais real. É através dela que a multiplicidade do mundo material se torna uma e inteligível. A ideia não é uma abstração. O verdadeiro Amor é entre almas e ideias, pois é a alma que permite ao humano chegar a tal estágio. Platão vai assim fundamentar o amor e o amante deve estar apaixonado pela alma do amado, pois a alma é muito mais bela do que o corpo.

Os olhos são a janela natural da alma (*Fedro*, 255c), a entrada onde se estabelece a relação do sensível com o inteli-

gível. Platão indica a necessidade de uma experiência vital com a beleza para que se possa estabelecer uma correspondência com o inteligível. A beleza deve ser vivenciada, apreciada e contemplada, pois ela é a única ideia que possui uma correspondência sensível. É a que menor esforço exige para que seja apreendida, pois, para se experimentá-la, não é necessário um movimento do intelecto. Deve-se partir da física para se atingir a metafísica, sendo a sensibilidade o caminho para o transcendente. Esse caminho se dá através do diálogo entre amante e amado, que por meio da dialética permite que se vá superando etapas rumo à verdade.

Eros é um desejo forte de posse, que só existe na ausência. Ele é um impulso suicida, por desejar completar o que falta, e desta forma, acabar com todo *Eros*. A completude é seu fim, mas um fim que sempre retorna a si mesmo. Ele é o intermediário que permite através da admiração da beleza sensível se possa atingir a beleza em si mesma que é a inteligível. Este nível máximo de beleza transcende a própria linguagem, já que a linguagem por si só não consegue descrever, falar ou argumentar tal beleza. Somente as almas preparadas para isso podem contemplar tal beleza. É este Belo em si mesmo que permitiria alcançar o Bem supremo e, com este, a felicidade. Esta é o que todos almejam e se define em si mesma, porque aquele que é feliz é feliz e não quer deixar de ser feliz, sendo a felicidade já boa em si mesma.

O Amor é, portanto, o mais importante dos sentimentos, que nos permite fazer a devida ligação com o outro, procurando de uma parte formar o todo. Mas amar este todo não valerá a pena se este não for bom, e, portanto, necessita de uma ligação com o bem, o que tornará o amar uma constante busca do bem; bem que nos permitirá sermos completos, justos e felizes.



Conclusão

A proposta deste livro foi falar sobre o sentimento. Este algo dentro de nós que o tempo todo tenta se manifestar, mas ainda é muito reprimido. A repressão acontece por uma visão de mundo onde sentir é inferior a pensar. No entanto, como tentamos comprovar, pensar e sentir estão intimamente ligados, e um se refere ao outro.

Para falar do sentimento escolhemos aquele que consideramos um dos mais importantes: o Amor. É através deste que tentamos caracterizar todo o desenvolvimento do sentir como um caminho para a verdadeira comunicação. Como base principal para nossos estudos utilizamo-nos dos pensamentos de Platão e Alberto Caeiro.

No primeiro capítulo fizemos a diferença entre o sensível e o inteligível, já que tais conceitos são encontrados fortemente nas obras de Platão. No segundo capítulo procuramos falar da razão e do sentimento para definir estes que eram nossos objetos de estudo. No terceiro capítulo falamos do belo para que fosse possível entender a relação existente deste com o amor. No quarto capítulo tentamos, pois, conceituar o que viria a ser o amor, como algo existente no humano e que necessita da beleza como objeto de contemplação. No quinto capítulo foi dito a necessidade que existe na comunicação de não apenas passar uma informação, mas também sentimentos. Defende-

mos que para que haja realmente a comunicação é necessário que o emissor transmita aquilo que ele sente em seu interior e que o receptor esteja apto para receber tal sentir. No sexto capítulo fomos para o plano divino para explicar os mistérios e as loucuras que nos são enviadas pelo amor. No sétimo falamos da cegueira que nos faz alcançar o sentimento necessário a contemplação do belo. No oitavo fomos para o amor platônico, falando das virtudes que ele traz junto de si, e de como estas são paradigmas a serem atingidos no mundo real.

Foi-nos difícil falar deste sentimento que tantos falam, mas tão poucos sabem senti-lo. Porque definir o amor não é tarefa fácil, e nem foi a proposta inicial deste trabalho. Nos propomos a fazer uma análise do sentimento partindo do amor e sua relação com o belo. Trabalhoso nos foi e, ainda assim, sinto que muito há para se falar, pois como nos diz Roland Barthes:

Querer escrever o amor é afrontar o atoleiro da linguagem: esta região desesperada em que a linguagem é ao mesmo tempo muito e muito pouco, excessiva (pela expansão ilimitada do eu, pela submersão emotiva) e pobre (pelos códigos mediante os quais o amor a rebaixa e reduz). (2003, 161)

De forma alguma acreditamos ter escrito tudo sobre o amor. Ele continua a ser um assunto inesgotável. Aqueles que se sentirem dispostos, sejam bem-vindos para complementar esse trabalho. Talvez, futuramente, possamos vir a escrever mais sobre esse sentimento, aumentando assim o leque de possibilidades que existem para analisá-lo. Mas, no presente momento, nos limitamos ao silêncio.



Anexo

- Poema *Love's Blindness* de Alfred Austin.

Love's Blindness

*"Now do I know that Love is blind, for I
Can see no beauty on this beauteous earth,
No life, no light, no hopefulness, no mirth,
Pleasure nor purpose, when thou art not nigh.
Thy absence exiles sunshine from the sky,
Seres Spring's maturity, checks Summer's birth,
Leaves linnet's pipe as sad as plover's cry,
And makes me in abundance find but dearth.
But when thy feet flutter the dark, and thou
With orient eyes dawnest on my distress,
Suddenly sings a bird on every bough,
The heavens expand, the earth grows less
and less,
The ground is buoyant as the ether now,
And all looks lovely in thy loveliness."*



Referências

Bibliografia primária

BURNET, John. **Platonis Opera**, Tomvs II. Oxford: Oxford University Press, 1901.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?**. São Paulo: Paulus, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poesia Completa de Alberto Caeiro**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. São Paulo: Companhia de Bolso – Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1997.

PLATÃO. **Fédon**. In: Col. Os Pensadores. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. – 2. ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001a.

PLATÃO. **Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001b.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001c.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. PUC-Rio; Edições Loyola, 2001d.

Bibliografia secundária

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRISSON, Luc. A Religião como Fundamento da Reflexão Filosófica e como meio de Ação Política nas Leis de Platão. **Kriterion**, n. 107, p.24-38, 2003.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2019. (Kindle)

CORTÁZAR, Julio. **O Jogo da Amarelinha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DESCARTES, René. **Discurso do Método & Ensaios**. Organizado por Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOVER, K. J. Aristophanes' Speech in Plato's Symposium. **Journal of Hellenic Studies**, v. 86, p. 41-50, 1966.

EDELSTEIN, Ludwig. The Function of the Myth in Plato's Philosophy. **Journal of the History of Ideas**, v. 10, n. 4, 1949, p. 469.

FERRARI, G. R. F. Platonic Love. In: KRAUT, Richard (org.). **The Cambridge Companion to Plato**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FRONTEROTTA, Francesco; BRISSON, Luc. (Orgs.). **Platão: Leituras**. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALPERIN, David M. Love's Irony: Six Remarks on Platonic Eros. In: BARTSCH, Shadi; BARTSCHERER, Thomas. **Erotikon: Essays on Eros, Ancient and Modern**. Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 48-58.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de Tradição e Língua Técnica**. Tradução de Mário Botas do Original: Langue de Tradition et Langue Technique. Lisboa: Vega, 1995.

HOBBS, Thomas. **Leviatã. Ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KOHAN, Walter Omar. A filosofia e seu Ensino como pharmakon. **Educar em Revista**, n. 46, p. 37-51, 2012.

LIEZI. **O vazio perfeito**. Tradução e notas de Chiu Yi Chih. São Paulo: Mantra, 2020.

MANN, Thomas. **Carlota em Weimar**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

MAUSS, Marcel. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. **Sociologie et anthropologie**. Paris: Quadrige, 1950, p. 151.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- MORGAN, Kathryn. **Myth and Philosophy. From Presocratics to Plato**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- NICHOLS, Mary P. Socrates' Contest with the Poets in Plato's Symposium. **Political Theory**, v. 32, n. 2, p. 186-206, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: HUCTEC e Editora da UNICAMP, 1994, p. 67.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a Origem das Línguas**. In: Col. Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. – 3. ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PINHEIRO, Marcus Reis. **Experiência Vital e Filosofia Platônica**. Orientadora: Maura Iglesias. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. Tese (Doutorado em Filosofia).
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. São Paulo: Globo, 2001.
- SCHOLFIELD, Alwyn Faber. **Aelian on the characteristics of animals**, v. 1. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958.
- SWITZER, Robert. The Topology of Madness: Philosophic Seduction in Plato's Phaedrus. **Alif: Journal of Comparative Poetics**, n. 14, p. 6-36, 1994.
- TATE, J. The Beginnings of Greek Allegory. **The Classical Review**, v. 41, n. 6, p. 214-215, 1927.

TATE, J. Plato and Allegorical Interpretation. **The Classical Quarterly**, v. 23, n. ¾, p. 142-154, jul. – oct. 1929.

VEYNE, Paul. **Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?** Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Obras de referência

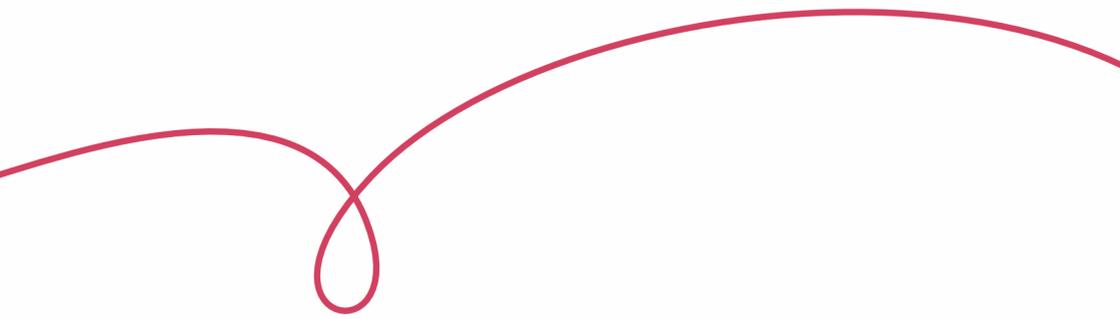
BARBOSA, Gustavo Guimarães; & RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

Minibiografia do autor

Anarquista, professor efetivo de filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do IFTM (Mestrado e Doutorado Profissional) e do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Possui pós-doutorado em história política pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ - 2020), doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ - 2017), mestrado pelo PPGLM/UFRJ (2011), graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Bacharelado e Licenciatura - 2010) e graduação em Comunicação Social pela FACHA (2006). Coordena o grupo de pesquisa “Ápeiron: estudos em física e metafísica”, o grupo de pesquisa “Prometeu: Filosofia Política, Tecnologia e Educação” e o projeto de extensão “Física Filosófica”.





editora
IFTM



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Triângulo Mineiro